

PATRÍCIA TASSI RODRIGUES

UMA REFLEXÃO TEÓRICA ACERCA DA PRÁTICA AVALIATIVA

Monografia apresentada como trabalho de conclusão do Curso de Organização do Trabalho Pedagógico, realizado na Universidade Federal do Paraná.

Orientadora:
Prof.^a Vilma Marcassa Barra

CURITIBA

2006

Dedico este trabalho a Deus, por sempre abrir portas e iluminar meus caminhos, a minha família pelo apoio e base que sempre me deram, as amigas que me apóiam em todos os momentos, a professora orientadora Vilma Barra e a todos que acreditam na força transformadora da educação.

Resumo

A reflexão a seguir estabelece a contraposição básica entre uma concepção classificatória de avaliação, de julgamento de resultados, e a concepção de avaliação mediadora, de ação pedagógica reflexiva. Em relação à aprendizagem, uma avaliação a serviço da ação não tem por objetivo a verificação e o registro de dados do desempenho escolar, mas a observação permanente das manifestações de aprendizagem para proceder a ação educativa que otimize os percursos individuais. Funda-se esse princípio da avaliação na visão dialética do conhecimento que implica o princípio da historicidade: o conhecimento humano sempre visa o futuro, à superação. Assim, destina-se a avaliação mediadora a conhecer; não apenas para compreender, mas para promover ações em benefícios aos educandos. É necessário compreender a avaliação como finalidade de uma prática a serviço da aprendizagem, da melhoria da ação pedagógica, visando a promoção moral e intelectual do aluno. Neste sentido, o professor assume o papel de investigador, de organizador de experiências significativas de aprendizagem, sendo seu compromisso o de agir refletidamente, criando e recriando alternativas pedagógicas adequadas a partir da melhor observação e conhecimento de cada um dos alunos, sem perder a observação do conjunto e promovendo sempre ações interativas.

Sumário

Resumo.....	4
Sumário	5
Introdução	6
Capítulo I – Delimitação do problema.....	15
1.1 Objetivo da pesquisa.....	17
1.2 Objetivo geral.....	17
Capítulo II – Fundamentação teórica-metodológica.....	18
Capítulo III – Metodologia, análise e resultados.....	27
Capítulo IV – Considerações finais.....	35
Referencial Bibliográfico.....	37
Anexos.....	39

Introdução

Muitos professores vêem a ação de educar e de avaliar como momentos diferenciados e não relacionados, exercendo essas ações de maneiras distintas. Essa dicotomia resulta da visão de avaliação como julgamento de resultados, por meio da aplicação de provas, tendo como objetivo a promoção ou não do aluno de uma série para outra. Assim, as exigências avaliativas, desprovidas muitas vezes de significado quanto ao desenvolvimento efetivo das crianças e dos jovens, favorecendo a manutenção de uma escola elitista e autoritária.

A superação dessa concepção de avaliação se dá pela percepção da avaliação como essencial à educação. Inerente e indissociável, enquanto concebida como problematização e reflexão (HOFFMANN, 1994). Nessa maneira, cabe ao professor avaliar constantemente a prática pedagógica e os resultados obtidos em relação à aprendizagem do aluno de modo investigativo. Assim, o professor caracteriza-se como um sujeito reflexivo, que não apenas corrige respostas, mas analisa o processo de construção do conhecimento do aluno.

A avaliação é contra-indicada como único instrumento para decidir sobre a aprovação e reprovação do aluno. O seu uso somente para definir a progressão vertical do aluno conduz a reduções e descompromissos. A decisão de aprovação e retenção do aluno exige o coletivo da escola uma análise das possibilidades que essa escola pode oferecer para garantir um bom ensino.

A avaliação escolar não deve ser empregada quando não se tem interesse em aperfeiçoar o ensino e, conseqüentemente, quando não se definiu o sentido que será dado aos resultados da avaliação.

O processo avaliativo deve partir do pressuposto de que se defrontar com dificuldades é inerente ao ato de aprender. Assim, o diagnóstico de dificuldades e facilidades deve ser compreendido não como um veredicto que irá culpar ou absolver o aluno, mas sim como uma análise da situação escolar atual do aluno, em função das condições de ensino que estão sendo oferecidas.

Na concepção de educação defendida pela LDBEN 9394/96, pelas diretrizes curriculares e pelos PCNs, a avaliação é componente intrínseco do processo de ensino-aprendizagem, constituindo-se em fonte de informação sobre

o progresso do aluno e em referência para a formulação de práticas educativas que possibilitem a formação global. Ou seja, o acompanhamento do processo de construção de conhecimento implica favorecer o desenvolvimento do aluno, orientá-lo nas tarefas, oferecer-lhe novas leituras ou explicações, sugerir-lhe investigações, proporcionar-lhe vivências enriquecedoras e favorecedoras à sua ampliação do saber.

A escola, apesar de não ser o único, é um dos lugares onde a educação se efetiva, é onde se produz o conhecimento, o conhecimento sistematizado e elaborado, sua função social distingue-se de outras práticas educativas, como as que acontecem na família, no trabalho, na mídia, no lazer e nas demais formas de convívio social, por constituir em uma ajuda intencional, sistemática, planejada e continuada para crianças e jovens durante um período contínuo e extensivo de tempo. Daí surgiu a importância de questionar-se, qual a educação que realmente busca-se. Pode-se assim dizer, que a educação é a prática social que ocorre nas diversas instâncias da sociedade. Seu objetivo é a humanização dos homens, isto é, fazer dos seres humanos participantes dos frutos da civilização, da sua construção e do seu processo, resultado do trabalho dos homens.

PINTO¹ afirma que “Em sentido amplo (e autêntico) a educação diz respeito à existência humana em toda a sua duração e em todos os seus aspectos”.(PINTO, 1990, p.29).

Busca-se assim o princípio educativo em Gramsci, que tem como foco a humanização, o pensar praticamente e agir intelectualmente, que se pense uma escola única inicial de cultura humanística, formativa, esclarecendo o significado desses dois adjetivos, que equilibre o desenvolvimento da capacidade de trabalhar manualmente com o desenvolvimento da capacidade de trabalho intelectual. Assim, em Gramsci, o trabalho como princípio educativo, ou seja, o humanismo do trabalho, um trabalho que tem uma dimensão bastante mais ampla que a dimensão didático- moral habitual nas escolas ativas.

Para que essa humanização se efetive, Gramsci propõe uma escola de caráter unitário, desinteressada, ou seja, uma escola culta, viva, livre, única, que

¹ PINTO, Álvaro V. **Sete lições sobre educação de adultos**. São Paulo: Cortez, 1990. p. 29-40.

articule a formação profissional com a humanista. Essa escola unitária visa uma cultura também desinteressada, uma cultura de ampla visão, séria e profunda, universal e coletiva, que interessa a todos os homens.

NOSELLA² especifica que a cultura não deve ser vista apenas como abstrata, como saber enciclopédico, para a qual o homem é um recipiente a ser enchido e no qual devem ser depositados dados empíricos, fatos brutos e desarticulados. Cultura “é organização, disciplina do próprio eu interior, é tomada de posse de própria personalidade, é conquistar uma consciência interior, através da qual consegue-se compreender seu próprio valor histórico, sua própria função na vida, seus direitos e seus deveres”.(NOSELLA, 1992, p. 15)

Assim complementando, o que se busca é uma escola formativa, que possibilite o desenvolvimento das capacidades do indivíduo tanto para o trabalho manual, como para o trabalho intelectual. Ou ainda como afirma GADOTTI³ (1998,p. 145):

A escola unitária deve desenvolver a autonomia intelectual do aluno, a consciência de seus direitos, deve ser ativa e criadora,... a escola unitária ou de formação humanista – entendido este termo, humanismo, em sentido amplo e não apenas no sentido tradicional – ou de cultura geral, deveria se propor a tarefa de inserir os jovens na atividade social, depois de tê-los levado a um certo grau de maturidade e capacidade, à criação intelectual e prática e uma certa autonomia na orientação e na iniciativa...

Esta escola de caráter desinteressado nos remete à uma formação de homem, ampla e completa, humanística que possua a “*Idéia de Leonardo da Vinci*”, ou seja, um ideário de homem, que entende da arte, da técnica, ciência e cultura, interior e exterior.

Observa-se este conceito de Gramsci, enfatizado por KUENZER⁴: “Esse novo intelectual a ser formado também pela mediação do Ensino Médio, potencialmente preparado para ser governante, será fruto da nova síntese entre ciência, trabalho e cultura, e, portanto capaz de desempenhar suas atividades

² NOSELLA, Paolo. **A escola de Gramsci**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

³ GADOTTI, Moacir. **Pedagogia de práxis**. São Paulo: Cortez, 1998.

⁴ KUENZER, Acácia. **Ensino de segundo grau: o trabalho como princípio educativo**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

como cidadão, homem da pólis, sujeito e objeto de direitos, e como trabalhador, em um processo produtivo em constante transformação”.(KUENZER, 1997, p. 44)

Mas para que essa formação de efetive concretamente, a escola deve ser autônoma, ou ainda nas palavras de GADOTTI (1998, p. 250) “a escola autônoma seria aquela que se autogoverna. Mas não existe uma autonomia absoluta. Ela sempre será condicionada pelas circunstâncias, portanto, a autonomia será sempre relativa e determinada historicamente”.A idéia de autonomia está sempre associada à idéia de liberdade. É nesse ponto que GADOTTI considera que uma escola autônoma é uma escola cidadã, uma escola pública, popular, que integre um sistema único (público) e descentralizado (popular).

Esta visão de escola surgiu quando a discussão do tema teve um papel crítico e mobilizador contra o poder instituído verticalmente, burocraticamente. Ao centralismo opunha-se uma prática social baseada na participação. O movimento anti- autoritário na educação inaugura a diferença entre a escola tradicional centrada no mestre e a escola nova, centrada no aluno.

Para que se efetive a autonomia nas escolas públicas, há a necessidade de que esta possua uma autonomia organizativa, financeira e administrativa. Por *autonomia organizativa*, entende-se a possibilidade da escola de fazer convênios com outras escolas, como entidades locais, centros de formação profissional, institutos de pesquisa universidades e institutos, para que se desenvolvam atividades de caráter formativo, educativo e esportivo; já a *autonomia financeira* entende-se a possibilidade da unidade escolar de receber recursos não só do Estado, mas também contribuições de entidades diversas ou provenientes de convênios e prestação de serviços; a *autonomia administrativa* compreende a gestão pelo conselho de escola, fundos à disposição para funcionamento administrativo e didático. A autonomia administrativa aponta que os pagamentos sejam feitos pelo próprio diretor da escola, que seja possibilitada por um sistema de supervisão, acompanhamento e avaliação permanentes das unidades escolares.

Contudo, o Estado através de suas políticas públicas e reformas educacionais, ao longo dos anos, vem enfatizando que a educação é um direito de

todos e dever do Estado, mas na prática isto não vem se concretizando. É verdade que estamos inseridos num contexto político mundial de globalização, que visa a descentralização, ou ainda a municipalização do ensino público. Este é um dos aspectos do chamado Estado Mínimo, política de financiamento designada pelo Banco Mundial, visando o descompromisso da União com os serviços públicos, como a saúde e, principalmente, a educação. Esta política prega que, os recursos públicos destinados à educação devem ser o mínimo possível, considerando que a privatização é a melhor medida.

Assim, haveria a necessidade de uma política de descentralização coerente por parte do Estado, e não essa pregada pelo Banco, para que a escola possa partir da valorização da cultura de sua própria comunidade, para construir e constantemente avaliar seu Projeto Político Pedagógico, baseado num sistema de gestão democrática, que englobe a participação de todos os envolvidos no processo educacional, como diz GADOTTI: “uma gestão democrática que valorize a escola e a sala de aula eliminaria a mediação entre a direção dos órgãos responsáveis pela educação e as escolas”.(GADOTTI, 1998, p. 268).

PARO⁵ (2001, p. 40) afirma que:

Se a educação é um direito constitucional do cidadão e se, pelo menos no que se refere ao ensino fundamental, o Estado tem o dever de prover a população com esse direito, então, do ponto de vista de uma *democracia social*, que ultrapassa o conceito de democracia política (Bobbio, 1989), é direito dos cidadãos controlarem democraticamente o Estado, participando das decisões nas instâncias onde esses serviços são oferecidos, por exemplo, na escola.

É essa a consciência que busca-se na escola, nos nossos educandos, uma consciência crítica, que seja capaz de apontar os erros, mas também propor soluções, uma consciência que “só pode dar-se a partir da apropriação de uma visão de mundo elaborada que esteja comprometida com a construção de uma nova ordem social, ou seja, a partir da apropriação de uma nova ideologia.”(PARO, 2001, p. 42)

⁵ DOURADO, Luiz Fernando; PARO, Vítor Henrique (Org.). **Políticas públicas e educação básica**. São Paulo: Xamã, 2001.

Uma escola autônoma constrói-se a partir de uma gestão que seja democrática, e para que isso se efetive, devemos considerar dois aspectos importantes: a organização e a administração escolar. É através da administração planejamos, organizamos, dirigimos e controlamos os serviços necessários à educação, incluindo, portanto, em sua ação a organização escolar. Já as organizações são unidades sociais constituídas de pessoas que trabalham juntas para alcançar determinados objetivos. Dessa maneira, chega-se ao conceito de gestão, que para LIBÂNEO⁶ significa: “a gestão é a atividade pela qual são mobilizados meios e procedimentos para se atingir os objetivos da organização, envolvendo basicamente, os aspectos gerenciais e técnico- administrativos.” (LIBÂNEO, 2001, p. 78)

A participação é o principal meio de assegurar a gestão democrática da escola, possibilitando o envolvimento de todos os profissionais e usuários no processo de tomada de decisões e no funcionamento da organização escolar, proporcionando um melhor conhecimento de sua estrutura organizacional.

Além da participação efetiva de todos os agentes envolvidos na educação, para que se efetive uma gestão democrática, é necessária que uma outra qualidade seja desenvolvida em todas as pessoas, que é a liderança. Como afirma LIBÂNEO (2001, p. 81): “é uma qualidade que pode ser desenvolvida por todas as pessoas por meio de práticas participativas e de ações de desenvolvimento pessoal e profissional.” Para que a gestão da escola funcione de maneira democrática, deveria haver um primeiro contato com os pais e a comunidade e esta deveria juntamente com pais, professores e alunos, eleger a direção escolar, porque ao contrário o que ocorre são filiações como troca de benefícios pessoais.

É nesse ponto que destaca-se a importância do papel do diretor, do coordenador, supervisor, ou seja de todo corpo pedagógico existente na escola. Ainda segundo LIBÂNEO “O exercício da direção e coordenação depende de alguns fatores, tais como: autoridade, responsabilidade, decisão, disciplina e iniciativa.” (LIBÂNEO, 2001, p. 180)

⁶ LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2001.

Assim, afirma-se que o papel tanto do diretor, quanto do coordenador pedagógico, é o de coordenar o trabalho coletivo, mantendo um clima e condições adequados, para que se efetive o desenvolvimento pessoal e profissional das pessoas da escola.

NOGUEIRA⁷ (1998, p. 59) afirma que o diretor pode ser considerado como um educador- dirigente, e destaca que:

O "educador- dirigente" deve, portanto, envolver toda a comunidade escolar e centrar esforços na luta pela conquista de tempo, dentro da jornada diária de trabalho, para que não só os professores de 1ª a 4ª série, mas também os pedagogos, se aprofundem coletivamente no estudo dos conteúdos curriculares da escola fundamental e na forma de se estabelecerem vínculos entre estes conteúdos e a vida dos alunos. A existência de tempo para que o docente e o pedagogo se tornem estudantes é condição indispensável à melhoria da qualidade do ensino.

Somente a partir do momento que se resgata a importância da gestão democrática na educação, é possível construir um Projeto Político Pedagógico coerente com a realidade escolar e de seus agentes nela inseridos, tendo em mente que quando se projeta, tem-se sempre em mente um ideal. Temos assim nas palavras de RIOS⁸ (1997, p. 74) que este ideal é algo utópico, que não significa algo impossível de ser realizado, mas algo **ainda não** realizado. Para que a construção do projeto se efetive, é necessário lançar mão de princípios norteadores da ação, esclarecendo os limites e possibilidades do contexto escolar, havendo assim, a necessidade de reconhecimento da escola.

Observa-se este enfoque nas palavras de VEIGA⁹ (1995 p. 12): "O projeto pedagógico, é portanto, um produto específico que reflete a realidade da escola, situada em um contexto mais amplo que a influencia e que pode ser por ela influenciado." Aqui mais uma vez, afirma-se que a autonomia é uma questão de suma importância para a construção do projeto pedagógico escolar, autonomia no

⁷ NOGUEIRA, Madza J. Diretor/Dirigente: a construção de um projeto pedagógico na escola pública.

⁸ RIOS, Terezinha Azeredo. Significado e pressuposto do trabalho pedagógico.

⁹ VEIGA, Ilma Passos. **Projeto político Pedagógico da escola: Uma construção possível**. São Paulo: Papirus. 1995.

sentido de poder executá-lo e avaliá-lo. A autonomia envolve quatro dimensões básicas, articuladas entre si: administrativa, jurídica, financeira e pedagógica, como nos descreve VEIGA:

“A autonomia *administrativa* consiste na possibilidade de elaborar e gerir seus planos, programas e projetos.(...)Traduz a possibilidade de a escola garantir a indicação dos dirigentes por meio do processo eleitoral que realmente verifique a competência profissional e a liderança dos candidatos;(...)A autonomia *jurídica* diz respeito à possibilidade de a escola elaborar suas próprias normas e orientações escolares.(...)A autonomia *financeira* refere-se à existência de recursos financeiros capazes de dar à instituição educativa condições de funcionamento efetivo.(...) A autonomia *pedagógica* consiste na liberdade de ensino e pesquisa. Está estreitamente ligada à identidade, à função social, à clientela, à organização curricular, à avaliação, bem como aos resultados e, portanto, à essência do projeto pedagógico da escola.” (VEIGA, 1995, p. 16)

Um momento crucial na construção do projeto político pedagógico da escola, é a avaliação. Mas não a avaliação fragmentada, que se realize no final do projeto, mas sim uma avaliação diagnóstica, que se realize em todo o decorrer do projeto, que nos aponte avanços, e dificuldades, possibilidades e limites, que possibilite também a realização de uma auto- avaliação do profissional, para que este saiba o que deve ser mudado e o que deve ser aprofundado.

A avaliação é substancialmente reflexão, capacidade única e exclusiva do ser humano, de pensar sobre seus atos , de analisá-los, julgá-los, interagindo com o mundo e com os outros seres , influenciando e sofrendo influências pelo seu pensar e agir. Uma avaliação reflexiva auxilia a transformação da realidade avaliada.

Partindo desse pressuposto, considero afinal, que é no cotidiano escolar que se efetivam as relações entre professor e aluno, na produção do conhecimento. É no cotidiano escolar que o aluno concebe o saber, vivência experiências, torna-se um cidadão consciente, capaz de escolher o que é melhor para si. Para tanto, o professor precisa prestar atenção em seus alunos, garantir-lhes condições de reflexão e descobertas, conversar com eles passo a passo, evitando o perigo das posturas defensivas e explicativas, são alguns caminhos possíveis para promover o seu aprender a aprender. Portanto, necessita-se de

uma avaliação sistemática e intuitiva. Ela deve se constituir no cotidiano da sala de aula, sem deixar de ser planejada, ou seja, uma avaliação diagnóstica, mediadora, de ação pedagógica reflexiva.

São com estas propostas que ingresso no universo da avaliação da aprendizagem.

Capítulo I – Delimitação do Problema

A Escola de atualmente é, num país como o nosso onde as diferenças são enormes, um espaço contraditório e conflituoso. Para enfrentar este cenário é preciso organizar esta escola de forma global para se evitar o ensino alienado e deficiente. É preciso, também, estar atento às artimanhas do poder que, sob pretexto de atender a quantidade, sonega a qualidade. A escola terá, portanto, de repensar a sua forma de atuação para atender com qualidade à quantidade que lhe bate às portas. Mas por que será que dão tanta importância à quantidade? Será que isso tem haver com a democratização do ensino? Infelizmente para muitos a democratização do ensino é entendida como ampliação da escola para todos, sendo esta uma concepção liberal.

O universo escolar brasileiro diz garantir a escola para todos, pois existem muitas escolas para atender a demanda. Uma Escola para todos.

A reivindicação da escola para todos permanece como princípio necessário, como princípio válido. “No entanto, precisamos ter o cuidado de, no momento que defendermos esta tese, qualificar o que significa este **para todos**, porque se permanecermos numa leitura liberal teremos esta deturpação, que explica de alguma forma a degeneração da escola no Brasil, hoje.” (PIMENTA, S. 17-24, 1998).

Entretanto, se as pessoas não têm condições de ter acesso a ela e de nela permanecer, não é possível que interpretemos como um problema delas. Em verdade isto é a visão de democracia, sob uma ótica liberal. Pode-se perceber que a democracia liberal expande a escolaridade, mas não lhe interessa equacionar o problema da impossibilidade do acesso e da permanência. Por isso devemos não apenas reivindicar escolas, mas sim uma escola pública, gratuita, de boa qualidade e única, ou seja, uma escola mantida pelo Estado enquanto equalizador das contribuições dos cidadãos.

A descrição deste quadro mostra que a organização da escola está vinculada a uma concepção de educação inserida no âmbito das relações de poder típicas de uma sociedade dividida em classes sociais. Estas relações de poder atribuem o exercício das funções intelectuais e dirigentes, ou o exercício

das funções instrumentais. “Nesta sociedade, as relações estabelecidas entre os homens são desiguais, onde alguns vivem do produto do trabalho de outros e onde a produção de conhecimento é desenvolvida por aqueles que não executam o trabalho manual” (ANDERY, 1988, p. 14).

É neste contexto que a escola não consegue realizar sua função social de humanizar e socializar o saber historicamente acumulado. Nessa sociedade seletiva, excludente e individualizada onde o conhecimento adquirido é de acordo com o capital, reflete na prática de uma escola com um modelo teórico de compreensão que pressupõe a educação como um mecanismo de conservação e reprodução dessa sociedade. O autoritarismo também se faz presente neste quadro como instrumento necessário para manter esse modelo social, daí a prática da avaliação manifestar-se de forma autoritária. Ou seja, uma prática avaliativa fundamentada na competição e no individualismo, no poder, na arbitrariedade presentes nas relações entre professores e alunos, entre os alunos e entre os próprios professores. Portanto, uma avaliação a serviço da classificação, seleção, competição, seriação, com atitudes de reprodução, de alienação, de cumprimentos de norma. A seletividade social já está posta. A avaliação, de acordo com que já foi dito, colabora com a correnteza?

Para que a avaliação escolar assuma o seu verdadeiro papel de instrumento dialético de diagnóstico para o crescimento, terá que situar e estar a serviço de uma pedagogia que esteja preocupada com a transformação social e não com a sua conservação. Segundo Luckesi (2002) a avaliação deixará de ser autoritária se o modelo social e a concepção teórico-prática da educação também não forem autoritários. Ele ainda afirma que se as aspirações socializantes da humanidade se traduzem num modelo socializante e democrático, a pedagogia e a avaliação em seu interior também se transformarão na perspectiva de encaminhamentos democráticos.

Para tanto um questionamento: É um contra-senso que um modelo social e um modelo pedagógico autoritários e conservadores tivessem no seu âmago uma prática de avaliação democrática? Mas também, dentro desse quadro, uma

sociedade conservadora e uma pedagogia autoritária, não há elementos contraditórios e antagônicos? E isso possibilita uma transformação?

1.1 Objetivo da pesquisa

- Reconhecer a avaliação como acompanhamento permanente, de mediação, de intervenção pedagógica para a melhoria do ensino e da aprendizagem;
- Estabelecer a avaliação diagnóstica como um instrumento dialético do avanço para a transformação social;
- Justificar a escolha das ações avaliativas a partir da premissa que o diagnóstico é um instrumento fundamental para auxiliar o educando no seu processo de competência e crescimento para a autonomia.
- Identificar procedimentos do processo de avaliação diagnóstica possíveis de aperfeiçoamento.

1.2 Objetivo geral

- Reconhecer a avaliação com um processo de sustentação e orientação a intervenção pedagógica, adequando as situações didáticas propostas aos conhecimentos prévios dos alunos e subsidiando o professor com elementos para uma reflexão contínua sobre sua prática.

Capítulo II - Fundamentação teórica-metodológica

A escola tem haver com a organização da sociedade. E nessa perspectiva ela é vista como instituição social, inserida na sociedade capitalista, que reflete no seu interior as determinações e contradições dessa sociedade. Pode-se perceber que a seletividade também se faz dentro da escola através de alguns aspectos pedagógicos de caráter excludente, designado no texto com fatores intra-escolares, e são eles: currículo, avaliação, programas entre outros. Por isso é importante pensar na efetiva democratização do saber, pensar e definir o tipo de sociedade e o tipo de cidadão que pretendemos formar, pois as ações específicas para a obtenção desses fins são os meios.

Em um sistema capitalista a educação é vista com condição para o desenvolvimento econômico, mas a educação deve ser vista como um compromisso ético, visando a dignidade. É claro que a educação pode trazer benefícios econômicos, mas o objetivo é a dignidade, a produção deve crescer com objetivos sociais, pensando no coletivo e não no individualismo.

É por ver a educação como um fator que favoreça o crescimento econômico, acreditam que só a educação pode promover mudanças no nível estrutural da sociedade.

A nossa sociedade é constituída por uma dualidade estrutural, por diferenças de classes e a educação inserida neste âmbito das relações de poder está atendendo as necessidades socialmente definidas pela divisão e técnica do trabalho. Nota-se então que as raízes desta dualidade está presente na organização da sociedade e não na educação, e tentar resolver isto através da escola, através de uma nova concepção, é ingenuidade.

É por essa sociedade dual que a escola não consegue efetivar sua função social, a qual é humanizar, pois o saber que é produzido socialmente é distribuído de acordo com o capital, portanto, de diferentes formas, ou seja, o saber é distribuído segundo as necessidades do capital, o que permite entender que a sua não democratização expressa caráter excludente e seletivo. Percebe-se que os menos favorecidos encontram dificuldades na escola devido a sua origem social, por conseqüência são essas crianças as que mais abandonam e repetem a

escola. São as crianças dessa realidade as que mais precisam aprender e talvez a escola seja o único caminho para conseguir os conhecimentos e habilidades para a vida.

Por isso a importância das deficiências pedagógicas serem repensadas. Entre essas deficiências podemos citar o método de ensino baseado numa cultura livresca, verbalista e formalista; currículos que partem de pressupostos de que a criança já domina certos conceitos elementares, que são considerados pré-requisitos para a aprendizagem; professores não preparados para entender as dificuldades das crianças sem saber como ajudá-las a vencê-las...Isto tudo porque a educação nunca foi vista como prioridade.

A boa escola é desejada pela grande maioria, em contrapartida, é a escola da maioria a menos eficiente, então, é necessário discutir estratégias de ação para poder construir esta escola almejada pela maioria.

Algumas estratégias poderiam ser: adotar medidas que facilitem as crianças o ingresso e a permanência no sistema escolar; distribuição gratuita de material e merenda; discutir mais cuidadosamente a questão da promoção automática (pois além de “passar” de ano é preciso garantir que a criança aprenda); adaptar o ensino à criança cultural e economicamente desfavorecida (e não adaptar o conteúdo à criança) e para isso é necessário que o profissional da educação esteja realmente preparado, qualificado, para tais funções.

É importante que a escola cumpra sua função de socializar o saber, não deixando de levar em conta a realidade e o conhecimento que o aluno traz consigo, é de suma importância trabalhar com a herança, mas de forma crítica como meio para ampliar o espaço do conhecimento novo.

Assim todo o fazer educativo deve ser respaldado por uma atitude reflexiva permanente e aí a avaliação se faz presente.

A avaliação da aprendizagem escolar se faz presente na vida de todos nós que, de alguma forma, estamos comprometidos com atos e práticas educativas. Todas as pessoas envolvidas na ação pedagógica estão comprometidas com esse fenômeno que cada vez mais ocupa espaço em nossas preocupações educativas.

Compreende-se a avaliação como um recurso pedagógico útil e necessário para auxiliar o professor e o aluno na busca e na construção de si mesmo e do seu melhor modo de ser na vida.

A avaliação educacional que acontece na maioria das escolas se processa, no âmbito da sala de aula e ocorre mais ou menos dessa forma, como será descrito a seguir.

Após um certo período de aula (entre 1 ou 2 meses), os professores procedem com as atividades que conhecemos como avaliação da aprendizagem.

Para isso, formulam provas e/ou outro mecanismo que possa ser utilizado como instrumento de mediação para que os alunos possam expressar seus entendimentos de conteúdos ensinados.

Depois que recolhem as provas e/ou atividades, os professores corrigem as mesmas e atribuem-lhe um valor, notas ou conceitos, que correspondem o quanto a aprendizagem do conteúdo foi manifestada pelo aluno. Tudo isso é registrado em um caderno de notas, e assim vai formando-se o histórico da vida escolar do aluno. Sabe-se também que muitos professores utilizam apenas provas para avaliar, pois a mesma tem sido usada como instrumento de ameaça e “controladora” de disciplina. Além disso, professores acreditam que a prova é o melhor jeito de saber se o aluno aprendeu.

LUCKESI (2002), afirma que se a avaliação for vista dessa maneira, o aluno irá se dedicar aos estudos não porque sejam importantes, significativos e prazerosos de serem aprendidos, mas sim porque estão ameaçados por uma prova, reafirmando que o medo levará o aluno a estudar.

Nota-se que a prática escolar predominante hoje se realiza dentro de um modelo teórico de compreensão que pressupõe a educação como um mecanismo de conservação e reprodução da sociedade, pois se percebe como o autoritarismo é elemento necessário para a garantia desse modelo social, daí a prática da avaliação manifestar-se de forma autoritária. A avaliação educacional será, assim, um instrumento disciplinador não só das condutas cognitivas como também das sociais, no contexto da escola. Além disso, a escola que avalia o aluno exclusivamente pelas notas das provas mensais, bimestrais ou trimestrais é

parcial, porque nem sempre quem sabe tira a melhor nota, às vezes, a nota mais alta pertence a quem colou. Dessa maneira são avaliadas amostras de conhecimento, portanto, depende do acaso que rege a escolha delas.

A avaliação da aprendizagem não é e não pode continuar sendo a tirana da prática educativa, que ameaça e submete a todos. Para romper com isso é necessária uma transformação nos rumos da avaliação, fazendo-a permanecer no bojo de um modelo social e de uma pedagogia que não permita esse encaminhamento citado. Segundo LUCKESI (2002) para que a avaliação educacional escolar assuma o seu verdadeiro papel de instrumento dialético de diagnóstico para o crescimento, terá de se situar a estar a serviço de uma pedagogia que esteja preocupada com a transformação social e não com a sua conservação. A avaliação deixará de ser autoritária se o modelo social e a concepção teórico-prática da educação também não forem autoritários. Ele complementa isso dizendo que se as aspirações socializantes da humanidade se traduzem num modelo socializante e democrático, a pedagogia e a avaliação em seu interior também se transformarão na perspectiva de encaminhamentos democráticos. As escolas tentam construir uma gestão mais democrática possível, mas nota-se em relação a avaliação, um contra-senso, pois esta prática de avaliação (resumida a provas) em questão cai mais para o lado autoritário.

O Conselho Estadual de Educação diz que a avaliação deve ser entendida como um dos aspectos do ensino pelo qual o professor estuda e interpreta os dados da aprendizagem e de seu próprio trabalho, com as finalidades de acompanhar e aperfeiçoar o processo de aprendizagem dos alunos, bem como diagnosticar seus resultados e atribuir-lhes valor. Porém, LUCKESI (2002) afirma que o julgamento de valor, passa a ter a função estática de classificar um objeto ou um ser humano histórico num padrão definitivamente determinado, ao invés de possibilitar uma nova tomada de decisões sobre o objeto avaliado “Dessa forma, o ato de avaliar não serve como pausa para pensar a prática e retornar a ela; mas sim como um meio de julgar a prática e torna-la estratificada” LUCKESI (2002). Com a função classificatória, a avaliação constitui-se num instrumento estático e frenador do processo de crescimento; com a função diagnóstica, ao contrário, ela

constitui-se num momento dialético do processo de avançar no desenvolvimento da ação, do crescimento para a autonomia, do crescimento para a competência... atingindo dessa maneira o objetivo maior que se tem, que é a transformação social. Esta forma de entender a avaliação da aprendizagem exige que ela seja um instrumento auxiliar da aprendizagem e não um instrumento de aprovação ou reprovação dos alunos. Este é o princípio básico e fundamental para que ela venha a ser diagnóstica.

Nota-se como a avaliação diagnóstica será um instrumento fundamental para auxiliar cada educando no seu processo de competência e crescimento para a autonomia. Acredita-se que a elevação cultural das camadas populares se concretizará através da democratização do ensino, ou seja, através da permanência do educando na escola e a conseqüente terminalidade escolar, com ensino de qualidade, gratuito e universal. Para assegurar isso, a avaliação da aprendizagem existe propriamente para garantir a qualidade da aprendizagem para o aluno. Ela tem a função de possibilitar uma qualificação da aprendizagem do educando. Uma avaliação mal elaborada ou mal realizada exerce um importante papel antidemocrático no processo de escolarização e isso não é nada mais, nada menos do que a sociedade capitalista deseja, ou seja, ela procura por diversos mecanismos limitar o acesso e a permanência da classe trabalhadora no processo de escolaridade, pois se a camada popular tiver acesso aos saberes socialmente produzidos poderá gerar desequilíbrio e processos de transformação.

Por isso, acredito que o professor deve estar consciente dos valores e normas, que desempenham um papel em sua vida e em sua profissão, além das mudanças que eles sofrem, identificando os preconceitos em si próprio e nos outros, promovendo conscientemente, a partir de valores, compreensão e conhecimento, a emancipação das pessoas marginalizadas e desfavorecidas na sociedade em que atua. É importante que o professor compreenda que a informação (conhecimento, conteúdos curriculares) está sempre relacionada a valores, e os aplique às suas ações profissionais de forma a contextualizar, fazendo valer o seu trabalho no cotidiano de seus alunos e da vida escolar como um todo, agindo sempre em conformidade com estes valores.

A avaliação vem sendo construída como já dito, em instrumento de aprovação e reprovação, como prática de alçar ou não o saber e a ascensão social. Segundo LUCKESI (1995), a “avaliação tem sua origem na escola moderna com a prática de provas e exames que se sistematizou a partir do século XVI e XVII, com a cristalização da sociedade burguesa”. Para ele, a avaliação “é um juízo de qualidade sobre dados relevantes, tendo em vista uma tomada de decisão”. (1995 p. 69).

Essa tomada de decisão é na realidade, uma tomada de posição, isto é, um estar a favor ou contra aquilo que foi julgado, sendo que isto implica em três possibilidades: continuar a situação, introduzir modificações ou suprir a situação. Na avaliação da aprendizagem se manifesta satisfatória ou insatisfatória.

Assim, a avaliação tem como parâmetro para melhorar a prática, adequar, refazer ou ter como apoio a recuperação e esta deve ser paralela e imediata, pois serve para retomar o trabalho do professor e do aluno. E isso só será possível no relacionamento de ambos na busca do conhecimento.

A avaliação é um dos aspectos do ensino pelo qual o professor estuda e interpreta os dados da aprendizagem e de seu próprio trabalho, com a finalidade de acompanhar, aperfeiçoar e diagnosticar. Portanto deve superar o aspecto quantitativo tornando-se instrumento para a análise do desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem e como referencial para se refletir sobre a totalidade do processo para o julgamento qualitativo da ação.

Dessa maneira ela ultrapassa o autoritarismo, despindo-se da característica classificatória e mostra ao professor quando e onde é preciso realizar ajustes no processo educativo.

Neste contexto vale ressaltar a posição de HOFFMANN (1996), que entende a avaliação como uma posição provocativa do professor, desafiando o aluno a refletir sobre as experiências vividas, a formular hipóteses, direcionado para um saber enriquecido.

Em relação a DELIBERAÇÃO Nº 007/99 e a INDICAÇÃO Nº 001/99, elas tratam sobre as Normas Gerais para Avaliação do Aproveitamento Escolar, Recuperação de Estudos e Promoção de Alunos, do Sistema de Ensino, em nível

do Ensino Fundamental e Médio. A DELIBERAÇÃO levou em conta o conteúdo da INDICAÇÃO para sua formulação.

Os critérios de avaliação são de responsabilidade dos estabelecimentos de ensino, devendo constar no Regimento Escolar e obedecendo a legislação existente. Deverá obedecer à ordenação e à seqüência do ensino e da aprendizagem, bem como à orientação do currículo. Portanto, a avaliação deve acontecer em diferentes situações de aprendizagem, utilizando-se de técnicas e instrumentos diversificados, ou seja, não é aceito um único meio avaliativo, como por exemplo uma única prova. Além de não ser permitida a comparação entre a aprendizagem dos alunos, pois cada um possui sua individualidade, cabendo a escola respeitá-la.

Os funcionários da escola, como também os alunos compõem o processo de avaliação. Cabe ao órgão (obrigatoriamente composto pelos Professores, pelo Diretor, pelos profissionais de supervisão e orientação educacional e de um aluno, cuja participação é recomendável pela Lei) acompanhar o processo de avaliação por série, ciclo, grau ou período, devendo debater e analisar todos os dados que possam intervir na aprendizagem.

Assim, dá-se a avaliação como sendo necessária, tendo como função diagnóstica e formativa, não se aplicando somente à aprendizagem do aluno, mais também como uma maneira de aperfeiçoar o ensino e reformular o currículo. A avaliação deve ser uma ferramenta para perceber o que se tem, o que se faz necessário retomar para aumentar a qualidade, tanto do ensino quanto da aprendizagem, nos seus diferentes aspectos, deixando de apresentar um caráter de aprovação e seletividade.

Neste contexto, o papel do professor vem a ser estudar e interpretar os dados da aprendizagem dos alunos acompanhando e aperfeiçoando o processo, sem esquecer de avaliar seu próprio trabalho, pois é a partir dos resultados dos alunos que se pode perceber o desempenho, conhecimento e comprometimento por parte do docente. É só com esta auto-avaliação e porque não a avaliação vinda dos alunos que se pode reformular a prática da sala de aula.

Os critérios estabelecidos para o rendimento escolar, onde a avaliação deve ser contínua e cumulativa, prevalecendo o qualitativo, considerando a interdisciplinaridade e a multidisciplinaridade, e percebendo os resultados ao longo do período, ou seja, não se pode avaliar o aluno apenas com uma prova no final do período (como citado anteriormente), acreditando que isto é tudo o que o aluno aprendeu, como também de nada adianta buscar vencer o conteúdo (aspecto quantitativo), sem que este esteja carregado de significado e de qualidade (aspecto qualitativo). Se houver prova final, os resultados obtidos durante o período letivo terão que preponderar, embora na prática das escolas esta realidade não aconteça, dando a aprovação ou reprovação segundo a nota equivalente ao seu desempenho neste último critério avaliativo.

Para a existência desta qualidade, será levado em consideração atividade crítica, a capacidade de síntese e a elaboração pessoal, no lugar da memorização, pois desta à maior probabilidade de se efetivar a aprendizagem.

Possibilitar aceleração de estudos aos alunos com atraso escolar, ou avanço mediante verificação para os que demonstrarem condições. A avaliação final deverá considerar, para efeito de promoção, todos os resultados obtidos durante o período letivo, incluindo a recuperação de estudos. Tem-se que tomar bastante cuidado com esta situação, pois pode se contrariar os princípios da Lei, no sentido de privilegiar o qualitativo, visto que pode perder a qualidade do ensino simplificando o estudo, para aprovar mais alunos, embora de nada adiante aprovar mais e aprender menos, optando pela quantidade ao invés da qualidade.

Já para os casos de baixo rendimento são obrigatórios os estudos de recuperação (que deverá ser descrito no regimento escolar) no decorrer do ano letivo, para apreensão de conteúdos básicos. Deve-se indicar a área de estudos e os conteúdos da disciplina em que o aproveitamento do aluno foi considerado insuficiente. Caso o aluno não tenha se apropriado do conteúdo, pode fazer uso da recuperação após o encerramento do ano letivo, para corrigir as deficiências que ainda persistam, para isso faz-se preciso possuir frequência mínima de 75% do total das horas letivas e resultados de aprendizagem abaixo dos parâmetros estabelecidos pela escola. É importante que o resultado da recuperação seja

incorporado às avaliações do decorrer do ano letivo. A preocupação é que a recuperação só ocorra no final, deixando de ser um processo contínuo de aprendizagem, acarretando um acúmulo de conteúdo, onde o aluno acaba “engolindo” o que lhe será necessário para responder a prova final, ficando longe de se apropriar do conhecimento.

Mostra a função do Conselho de Classe no processo de avaliação, que deve estar sempre em acompanhamento, analisando e debatendo todos os componentes da aprendizagem dos alunos. Desta forma, faz-se necessária a inter-relação entre a teoria da avaliação e a prática da sala de aula, onde o Conselho de Classe tem um grande papel, sendo um instrumento democrático, em aperfeiçoar o processo da avaliação (resultados sociais e pedagógicos).

Segundo o Art. 19, encerrado o processo de avaliação, o estabelecimento registrará, no histórico escolar do aluno, sua condição de aprovado ou reprovado.

Enfim, a avaliação deve ser compreendida como um conjunto de atuações que tem a função de alimentar, sustentar e orientar a intervenção pedagógica, analisando a adequação das situações didática propostas aos conhecimentos prévios dos alunos e aos desafios que estão em condições de enfrentar. Ela subsidia o professor com elementos para uma reflexão contínua sobre sua prática, sobre a criação de novos instrumentos de trabalhos retomadas de aspectos que devem ser revistos, ajustados ou reconhecidos como adequados para o processo de aprendizagem individual ou de todo o grupo. Para o aluno, é o instrumento de tomada de consciência de suas conquistas, dificuldades e possibilidades para a reorganização de seu investimento na tarefa de aprender. Ou seja, a avaliação diagnóstica, que se realize em todo o decorrer do projeto, que nos aponte avanços e dificuldades, que possibilite também uma auto-avaliação do profissional, para que este saiba o que deve ser mudado e o que deve ser aprofundado.

Avaliar é ver os resultados da própria organização do trabalho pedagógico.

Capítulo III – Metodologia, Análise e Resultados.

O método utilizado para a realização deste trabalho de monografia, baseou-se na fundamentação em leituras teóricas que contemplam e complementam o assunto, pois se considera essencial o conhecimento de alguns teóricos frente a análise de construção do conhecimento.

Tal trabalho ocorreu na escola onde está localizada na Rodovia do Café, junto ao Parque Histórico do Mate, a qual desperta a atenção de quem passa pela estrada e admiração de quantos a visitam. Um Frei é o idealizador e engenheiro desta escola. A pesquisa visa analisar como está sendo trabalhada a questão da avaliação no processo de ensino-aprendizagem nesta instituição, sendo que sua proposta vai de encontro à fundamentação teórica deste trabalho monográfico.

Esta instituição é concretizada com um ideário pedagógico e com um funcionamento gradual dos vários setores – os módulos de sala de aula, pequenos relativamente, para banir a massificação; a Fazendinha Pedagógica, para o contato vivo e aprendizagem com a natureza; o Castelinho, com as salas especiais para crianças com deficiência; Área de Lazer, que une a família no descanso e oferece as crianças e jovens novos lances de companheirismo, fora do asfalto e longe do ar poluído da cidade.

De acordo com esta escola, a criança de hoje é a principal vítima dos efeitos da massificação e do ambiente de violência que atinge a todos, e dessa maneira é sacrificado a principal prerrogativa do espírito humano: a liberdade. Acredita-se que a criança vive fechada entre paredes do apartamento, entre muralhas das habitações, nas calçadas, no trânsito e mesmo nos meios de transportes que as conduzem para a escola e para o lazer. Assim os grandes colégios se vêem obrigados a adaptar-se para preservar a incolumidade física e, mais que isso, afastar perigos de toda sorte de contágio moral a que estão expostas a infância e a juventude estudantil.

Na verdade, não há quem não veja que a criança está privada dos mais belos estímulos. Ela bem mereceria o melhor lugar ao sol.

Pais e pedagogos desta escola desejam um ambiente adequado para uma educação para liberdade, onde a criança possa desenvolver suas potencialidades

naturalmente, dentro de um mundo sem medo, sem artificialismo, mas de acordo com a própria índole do espírito infantil.

Em relação ao currículo desta escola, o mesmo é complementado com atividades ecológicas e artísticas como atividades na Fazendinha Pedagógica, natação, equitação, expressão corporal, judô, iniciação esportiva, música, judô. Além disso, para maior vivência e integração com a natureza e as aludidas atividade educativa, a escola oferece o período integral e semi integral (três dia da semana em tempo integral). Dentro desta sistemática, o restaurante desempenha uma função pedagógica, pois além de ser uma confraternização, o almoço é uma oportunidade para a educação familiar e social.

Pode-se afirmar que, o ambiente ecológico e as atividades diversificadas constituíram, hoje, numa boa realidade de ensino-aprendizagem, o que vem complementado pelas reuniões de Pais que comparecem com grande entusiasmo, todos os meses, para encontros com as respectivas professoras e assessoras.

Numa chácara cercada pelos tradicionais pinheiros do Paraná a apenas 17 quilômetros do centro de Curitiba, 870 alunos entre 4 a 15 anos participam de uma experiência pioneira: junto com as primeiras letras elas aprendem a cultivar as plantas, convivem com animais e, muitas vezes, colhem o alimento que será servido durante as refeições.

As salas de aula foram construídas em harmonia com a natureza, em que grandes janelas dão acesso a parques arborizados. O currículo regular está intercalado por atividades no campo.

Nota-se que uma das maiores alegrias das crianças está no hora de colher as verduras, é o fascínio de descobrir que cavando a terra encontrarão a batata, o rabanete e a cenoura. Abrir a vagem e colher na mão o feijão. Descobrir um prazer especial em debulhar o milho, junto com seu farelo é consumido pelos jumentos, cavalos e galinhas. Elas percebem com o tempo que cada um dos seres com quem convivem juntos no dia-a-dia da escola como companheiros de um mesmo espaço, exige uma maneira diferente de cuidar. Todos os bichos da escola foram doados pelas famílias dos alunos e também por vizinhos.

Muitos são os aspectos positivos registrados com o ensino longe das salas de aulas convencionais. Os próprios pais notam alterações no comportamento dos filhos, são aplicados, além de apresentarem melhor aproveitamento no ensino. Foram verificadas também sensíveis melhorias em casos de bronquites, pois o convívio com o ar livre e a natureza reduz os acessos de tosse e também de rouquidão.

Esta escola não se apresenta como uma experiência revolucionária, é apenas um novo sistema de trabalho pedagógico que busca alternativas de renovação, oferecendo às crianças atividades criativas e gratificantes, fazendo conviver o corpo e o espírito na liberdade da natureza, proporcionando influências benéficas e restabelecendo os conceitos e os valores que a sociedade vem perdendo nas grandes cidades.

É nesse espaço que a equipe especializada de professores, assessores e gestores comprometem-se com o processo de ensino-aprendizagem. Dentro deste contexto de ensino-aprendizagem, a avaliação enquanto diagnóstico do processo ensino/aprendizagem, se faz presente como um papel importante, no sentido de que a entendamos vinculada a uma prática educacional necessária para que se saiba como se está, enquanto aluno, professor e conjunto da Escola; o que já se conseguiu avançar, como se vai vencer o que não foi superado e como essa prática será mobilizadora para os alunos, para os professores, para os pais.

Observou-se então, a questão da avaliação na turma de primeira série do Ensino Fundamental, por ser esta, a área de maior interesse para realização deste estudo.

Como já era conhecida a proposta da instituição, inicialmente procurei aprofundar teoricamente nas questões voltadas a avaliação, através da leitura e estudo.

Esteve envolvido neste processo:

- 1 professora de primeira série, com 27 alunos;

Esta instituição, a qual trabalho como professora de primeira série, realiza o processo de avaliação trimestral de primeira a terceira série com a seguinte concepção: a avaliação é a parte intrínseca do processo de ensino-aprendizagem,

constituindo-se em uma fonte de informação sobre o progresso do aluno e em referência para a (re)formulação da prática pedagógica pelo professor. “A aprendizagem por competências permite a articulação entre a teoria e prática e supera a tradicional dicotomia entre essas duas dimensões (...). O que se pretende avaliar não é só o conhecimento adquirido, mas a capacidade de acioná-lo e de buscar outros para realizar o que é proposto. Portanto, os instrumentos de avaliação só cumprem com sua finalidade se puderem diagnosticar o uso funcional e contextualizado dos conhecimentos” (Parecer CNE/CP n.º 09/01).

Assim, a avaliação é diagnóstica quando investiga o conhecimento prévio do aluno. E essa avaliação nesta escola é utilizada durante o período de ambientação (por diferentes maneiras e estratégias: observação do professor, atividades lúdicas...) e toda vez que se apresenta um novo tema de estudo. Mas o que se entende por avaliação diagnóstica? Para não ser autoritária e conservadora, a avaliação terá de ser diagnóstica, ou seja, deverá ser o instrumento dialético do avanço, terá de ser o instrumento da identificação de novos rumos. Enfim, terá de ser o instrumento do reconhecimento dos caminhos percorridos e da identificação dos caminhos a serem perseguidos. A avaliação educacional escolar como instrumento de classificação, como já vimos, não serve em nada para a transformação; contudo, é extremamente eficiente para a conservação da sociedade, pela domesticação dos educandos” (LUCKESI, 2002).

No início do ano, a avaliação diagnóstica realiza uma sondagem (que não vale nota – em anexo) para verificar as aprendizagens consolidadas pelos alunos, bem como para identificar os aspectos a serem retomados antes do início do trabalho com os temas de estudo previstos. Essas sondagens não são corrigidas e sim analisadas, a fim de identificar as aprendizagens consolidadas. Elas são arquivadas e organizadas na seqüência da aplicação para facilitar a percepção do processo de aprendizagem de cada aluno. Nessa atividade, durante sua execução não há interferência por parte do professor, o aluno deve fazer sozinho do “seu jeito”. Esses registros constituem nos principais instrumentos de que o professor dispõe para apoiar sua prática e acompanhar os processos de desenvolvimento do aluno.

Essa sondagem está prevista em calendário, sendo realizada nas duas primeiras semanas de aula, ou sempre que houver necessidade, por meios de atividades lúdicas e diversificadas. A elaboração das atividades de sondagem é responsabilidade do professor e os dados obtidos nessa sondagem contribuem para o planejamento de estratégias adequadas à turma, servindo ainda como referencial na observação do progresso do aluno, ao serem comparados com outras avaliações realizadas no decorrer do ano, e como um dos instrumentos para a convocação dos alunos para a recuperação paralela, a qual acontece no contraturno “Se o aluno não aprendeu, não houve ensino, não houve crescimento, não houve resultado, a escola não cumpriu o seu papel, o aluno não teve o que é direito seu” (Oliveira, 2003, p. 59).

A avaliação tem o caráter formativo, uma vez que acompanha o processo de ensino aprendizagem, identificando sucessos e dificuldades. Depois da realização da atividade de sondagem, os alunos realizam diversas avaliações por meios de diferentes instrumentos: avaliação agendada em calendário e a avaliação chamada processual.

A avaliação prevista em calendário é formulada por professores e pela equipe pedagógica, as quais são cuidadosamente contextualizadas, tomando-se como base situações reais (em anexo). No início de cada trimestre é enviado pela agenda e colado nos cadernos de cada área o conhecimento os critérios (em anexo) que serão exigidos na avaliação. Esses critérios estão de acordo com o Plano Curricular da escola. Pois assim, os pais e alunos têm uma visão geral do trabalho a ser desenvolvido no trimestre. “A prova em si pode ser um ótimo momento de aprendizagem, pois nela exige-se que o aluno se concentre e consiga sintetizar os conceitos, estabelecer relações, além, da análise do que foi aprendido. Por esse lado, o uso da prova pode ser positivo, mas se ela existir prioritariamente para classificar alunos, fazer comparações, ela estará servindo a outros interesses e não estará preocupada com o verdadeiro sentido da aprendizagem.” (Pino, 1993, apud Godoi, 2004, p. 98).

Em relação a avaliação processual, é responsabilidade direta do professor na sua elaboração com base os critérios definidos no Plano Curricular. O

professor tem autonomia para definir quantos e quais instrumentos de avaliação serão utilizados, totalizando uma nota que varia de 0,0 (zero) a 10,0 (dez). Essas atividades não são previstas em calendário, ela ocorre no dia-a-dia. “A avaliação não é o momento de o professor provar que o aluno não sabe, mas o momento de verificar onde ele ainda necessita investir mais. É a hora de constatar quais estratégias deram certo, quais não funcionaram bem; hora de compreender como cada aluno aprende, como não aprende; conhecer o que tem significado para ele, o que não tem” (Oliveira, 2003, p. 61).

Desse modo, a avaliação não ocorre em momentos isolados do processo de aprendizagem, mas caracteriza-se como formativa e processual, embora também seja classificatória já que o registro da aprendizagem do aluno dá-se por notas no final de cada trimestre.

Assim, a média trimestral é composta por duas notas: a avaliação processual + avaliação agendada / por 2 (dois).

Qualquer tipo de avaliação realizada seja ela de sondagem, processual ou de calendário são contextualizadas.

Nas atividades de sondagens partem de um texto, leitura de imagem, jogos ou brincadeiras sempre levando em conta a realidade do aluno. Em relação a sondagem de português segue em anexo ao professor (em especial os de primeiras séries) um ficha onde são colocadas as observações sobre a situação do aluno em relação, principalmente, a escrita e leitura para que o professor possa perceber sua turma. Essas observações são utilizadas na elaboração de próximos planejamentos, levando em conta a necessidade real da turma. A duas atividades de sondagem, referente a Língua Portuguesa, que utilizei no primeiro trimestre deste ano, estavam de acordo realidade que as crianças estavam vivenciando. Passamos uma tarde na Fazendinha Pedagógica da escola e na volta do passeio realizamos a atividade de sondagem referente aos animais. Em um segundo momento, vieram até a escola para uma apresentação os artistas de circo, para tanto, realizei uma sondagem a partir deste tema. Em relação as sondagens de matemática, primeiro realizei com a turma um jogo com palitos, no qual foi anotado as rodadas do jogo e construído em cima disso a atividade de

matemática. Em uma outra situação, brinquei com os alunos com o jogo “Pegavaretas” (o jogo foi confeccionado pela própria turma, sob minha orientação) e realizei a mesma proposta citada a cima (atividade de sondagem – as duas atividades seguem em anexo). As crianças realizavam as atividades de maneira tranqüila, eles percebem a atividade como objetivo de fazer todos aprenderem e vêem o trabalho em sala ganhar sentido, e eu utilizo a atividade para investigar como os alunos estão aprendendo e o que devo fazer para melhorar. É evidente, que não consigo acompanhar todos os grupos de alunos numa mesma aula, por isso organizo instrumentos de registro onde posso anotar as observações para que eu tenha um controle que permita progressivamente intervir junto a todos.

Em relação às avaliações processuais e de calendário, também são contextualizadas, de acordo com as situações que estão sendo vivenciadas pelos alunos. No segundo trimestre os alunos só falavam em futebol, para tanto foi elaborada uma avaliação processual de português e uma avaliação de calendário de matemática, referente a este tema (Copa do Mundo). Portanto, os temas das avaliações, partem sempre de uma situação real.

Podemos perceber que são utilizados diversos recursos que podem ajudar a diagnosticar problemas da turma e que a avaliação só faz sentido se tiver o objetivo de buscar caminhos para a melhor aprendizagem.

Não é de hoje que existe esse modelo de avaliação que utiliza instrumentos diversificados para avaliar, a diferença é que ele é visto como melhor caminho para garantir a evolução de todos os alunos, uma espécie de passo à frente em relação à avaliação conhecida como somativa.

Para muitos professores, antes valia o ensinar. Hoje a ênfase está no aprender. Isso significa uma mudança em quase todos os níveis educacionais: gestão, escolar, organização de sala de aula, tipos de atividades e, claro, o próprio jeito de avaliar a turma.

O professor deixa de ser aquele que passa as informações para virar quem, numa parceria com crianças e adolescentes, prepara todos para que elaborem seu conhecimento. Em vez de despejar conteúdos em frente à classe, ele agora

pauta seu trabalho no jeito de fazer os alunos desenvolver formar de aplicar esse conhecimento no dia-a-dia.

A avaliação processual não tem como pressuposto a punição ou premiação. Ela prevê que os estudantes possuem ritmos e processos de aprendizagem diferentes. Por isso, o professor diversifica as formas de agrupamentos da turma. Seu objetivo é fazer com que todos aprendam uma das primeiras providências e sempre informar o que vai ser visto em aula e porquê de estudar aquilo. Isso é parte do famoso contrato pedagógico, aquele acordo que deve ser estabelecido logo no início das aulas entre estudantes e professores como norma de conduta na sala de aula. Conclui-se que avaliação deve servir para subsidiar a tomada de decisões em relação à continuidade do trabalho pedagógico, não para decidir quem será excluído do processo.

Capítulo IV – Considerações Finais

Apartir do que já foi exposto, o processo avaliativo parte do pressuposto de que se defrontar com dificuldades é inerente ao ato de aprender. Assim, o diagnóstico de dificuldades e facilidades deve ser compreendido como uma análise da situação escolar atual do aluno, em função das condições de ensino que estão sendo oferecidas.

As exigências avaliativas, desprovidas muitas vezes de significado quanto ao desenvolvimento efetivo das crianças e dos jovens, favorecem a manutenção de uma Escola elitista e autoritária.

O acompanhamento do processo de construção de conhecimento implica favorecer o desenvolvimento do aluno, orientá-lo nas tarefas, oferecer-lhe novas leituras ou explicações, sugerir-lhe investigações, proporcionar-lhe vivências enriquecedoras e favorecedoras à sua ampliação do saber.

A avaliação significa ação provocativa do professor, desafiando o educando a refletir sobre as situações vividas, a formular e reformular hipóteses, encaminhando-se a um saber enriquecido e contribuindo ao professor para uma reflexão sobre sua prática pedagógica, na construção de seu planejamento, já que o ato de planejar não é um ato simplesmente técnico. Assim como também não é um ato exclusivamente político-filosófico. Esse ato será, sim, ao mesmo tempo político-social, científico e técnico. Não basta pensar nos meios, nas técnicas e na sofisticação dos recursos tecnológicos. Eles são necessários, mas como meios. Importa que a prática de planejar em todos os níveis - educacional, curricular e de ensino -- ultrapasse a dimensão técnica, integrando-a numa dimensão político-social. O ato de planejar, assim assumido, deixará de ser um simples estruturar de meios e recursos, para tornar-se o momento de decidir sobre a construção de um futuro, é a atividade intencional pela qual se projetam fins e se estabelecem meios para atingi-los. Por isso, **não é neutro, mas ideologicamente comprometido**.

Dessa maneira, acredito que o processo de avaliação da escola pesquisada norteia o papel da avaliação em busca da melhoria da qualidade de ensino, com a preocupação em manter o fazer educativo respaldado por uma atitude reflexiva

permanente. Podemos dizer que neste espaço escolar, a avaliação é considerada como um elemento de diagnóstico contínuo, auxiliando professores, alunos e pais no acompanhamento do processo, ou seja, ela está a serviço da aprendizagem do aluno, da formação, da promoção da cidadania.

Referencial Bibliográfico

ANDERY, Maria. Amália. et. al. **Olhar para a história:** caminho para compreensão da ciência hoje. *Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica.* Rio de Janeiro. Espaço e Tempo. São Paulo; Educ, 1988, p. 11-18.

DOURADO Luiz Fernando; PARO, Vítor Henrique (Org.). **Políticas públicas e educação básica.** São Paulo: Xamã, 2001.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia de práxis.** São Paulo: Cortez, 1998.

HOFFAMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora:** Uma prática em construção da pré-escola à Universidade. 8. Ed. Porto Alegre: Mediação, 1996.

KUENZER, Acácia. Ensino de segundo grau: o trabalho como princípio educativo. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola:** teoria e prática. Goiânia: Alternativa, 2001.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar.** São Paulo: Cortez, 1995.

NOSELLA, Paolo. **A escola de Gramsci.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

NOGUEIRA, Madza J. **Diretor/Dirigente:** a construção de um projeto pedagógico na escola pública.

OLIVEIRA, S. G. **A nova educação e você:** o que os novos caminhos da educação básica pós-LDB têm a ver com educadores, pais, alunos e com a escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PARO, Vítor Henrique. A natureza do trabalho pedagógico. In: PARO, V. H. **Gestão democrática da escola pública.** São Paulo: Ática, 1997, p. 29-37.

PIMENTA, S. **A construção do projeto pedagógico da escola de 1º grau.** Séries Idéias. São Paulo, n. 8, p. 17-24, 1998.

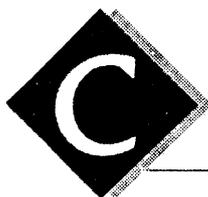
PINTO, Álvaro V. **Sete lições sobre educação de adultos.** São Paulo: Cortez, 1990, p. 29-40.

RIOS, Terezinha Azeredo. Significado e pressuposto do trabalho pedagógico.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Avaliação**: concepção dialética – libertadora do processo de avaliação escolar. 11. Ed. São Paulo: Libertar, 1996. V. 3 (Cadernos Pedagógicos do Libertad).

VEIGA, Ilma Passos. **Projeto político Pedagógico da escola**: Uma construção possível. São Paulo: Papirus, 1995.

Anexos



RITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

1.^a série – 1.^o trimestre

Língua Portuguesa

AVALIAÇÃO 1

Data: 05/04

Valor: 5,0

- ✕ Interpretar imagens.
 - Decodificar textos escritos.
 - Identificar o conjunto de símbolos próprios da escrita: o alfabeto.
- ✕ Organizar palavras seguindo a ordem alfabética.
- ✕ Produzir frases de acordo com o contexto, situação ou linguagens não-verbais, fazendo uso de espaçamento entre palavras e legibilidade.
 - Ortografia: B, D, F, P, T, V.

AVALIAÇÃO 2

Data: 03/05

Valor: 5,0

- Interpretar textos, identificando as suas idéias explícitas.
- Decodificar textos escritos.
- Utilizar o desenho como forma de representar e registrar idéias, pensamentos e opiniões.
- Produzir frases de acordo com o contexto, situação ou linguagens não-verbais, fazendo uso de espaçamento entre palavras e legibilidade.
- Ortografia: R (inicial, rr, r brando, r depois de vogal, r intercalado).

ORALIDADE E LEITURA

Valor: 2,0

- ✕ Manifestar experiências, idéias e opiniões de forma clara.
- ✕ Ouvir histórias e recontá-las.
- ✕ Realizar a leitura de diferentes formas.
 - Decodificar textos escritos.
 - Fazer antecipações sobre o tema e os acontecimentos de uma história pela leitura do título e/ou imagens.

PRODUÇÃO DE TEXTO

Valor: 8,0 (duas produções - 4,0 cada)

- Produzir textos escritos espontaneamente, apresentando escrita alfabética.
- Criar o final de uma história.
- Produzir textos de acordo com o tema proposto.
- Produzir textos, fazendo uso de:
 - espaçamento entre palavras;
 - legibilidade;
 - direção da escrita.

RECUPERAÇÃO PERIÓDICA

Data: 16/05 Valor: 10,0

- Interpretar textos, identificando as suas idéias explícitas.
- Decodificar textos escritos.
- Utilizar o desenho como forma de representar e registrar idéias, pensamentos e opiniões.
- Produzir frases de acordo com o contexto, situação ou linguagens não-verbais, fazendo uso de espaçamento entre palavras e legibilidade.
- Ortografia: **B, D, F, P, T, V.**
 - R (inicial, **rr**, **r** brando, **r** depois de vogal, **r** intercalado).
- Produzir textos escritos espontaneamente, apresentando escrita alfabética.
- Criar o final de uma história.
- Produzir textos de acordo com o tema proposto.
- Produzir textos, fazendo uso de:
 - espaçamento entre palavras;
 - legibilidade;
 - direção da escrita.

Matemática

AVALIAÇÃO 1

Data: 22/03

Valor: 5,0

- Organizar agrupamentos para facilitar a contagem e a comparação entre coleções.
- Contar e registrar escalas ascendentes e descendentes (de um em um, de dois em dois, de cinco em cinco, de dez em dez etc), a partir de qualquer número dado.

- Registrar o antecessor e o sucessor de um número natural.
- Interpretar situações-problema cotidianas que envolvam a idéia de juntar e de acrescentar quantidades.
- Registrar as operações realizadas por meio do algoritmo padrão de nossa sociedade: adição e subtração (sem agrupamento).
- Reconhecer alguns dos sólidos geométricos.
- Reconhecer em objetos do cotidiano as formas semelhantes aos sólidos geométricos.
- Comparar formas geométricas espaciais.
- Nomear as formas geométricas espaciais (sólidos): cubo, paralelepípedo e esfera.
- Caracterizar as formas geométricas espaciais (cubo, paralelepípedo e esfera).

AValiação 2

Data: 26/04

Valor: 5,0

- Escrever os números naturais associados às quantidades, utilizando conhecimentos sobre o valor posicional (até 39).
- Estabelecer relação entre número e numeral (símbolo/quantidade).
- Classificar quantidades, observando critérios como: maior que, menor que, estar entre.
- Ordenar números naturais, tendo como critério as ordens crescente e decrescente.
- Utilizar diferentes estratégias para compor e decompor um numeral.
- Agrupar de 10 em 10.
- Identificar a dezena como o conjunto de 10 unidades.
- Interpretar e resolver problemas que envolvam as idéias das operações fundamentais (adição e subtração sem agrupamento).

RECUPERAÇÃO PERIÓDICA

Data: 18/05

Valor: 10,0

- Escrever os números naturais associados às quantidades, utilizando conhecimentos sobre o valor posicional (até 39).
- Estabelecer relação entre número e numeral (símbolo/quantidade).
- Registrar o antecessor e o sucessor de um número natural.
- Ordenar números naturais, tendo como critério as ordens crescente e decrescente.
- Utilizar diferentes estratégias para compor e decompor um numeral.
- Agrupar de 10 em 10.
- Registrar as operações realizadas por meio do algoritmo padrão de nossa sociedade: adição e subtração (sem agrupamento).

- Reconhecer alguns dos sólidos geométricos.
- Reconhecer em objetos do cotidiano as formas semelhantes aos sólidos geométricos.
- Comparar formas geométricas espaciais.
- Nomear as formas geométricas espaciais (sólidos): cubo, paralelepípedo e esfera.
- Caracterizar as formas geométricas espaciais (cubo, paralelepípedo e esfera).
- Interpretar e resolver problemas que envolvam as idéias das operações fundamentais (adição e subtração sem agrupamento).

História

AVALIAÇÃO 1

Processual

Valor: 10,0

- Identificar algumas formas de lazer infantil, resgatando historicamente brinquedos, brincadeiras e jogos.
- Reconhecer que algumas formas de lazer infantil de outros tempos permanecem até hoje.
- Identificar algumas formas de lazer das crianças em outros tempos e nos dias de hoje.
- Comparar as formas de lazer antigas e atuais, identificando permanências, semelhanças e diferenças.
- Representar a passagem do tempo, considerando os períodos do dia.
- Identificar os períodos de um dia: manhã, tarde e noite.
- Comparar acontecimentos no tempo, tendo como referência anterioridade, posterioridade e simultaneidade.
- Registrar atividades diárias realizadas de acordo com a passagem do tempo (manhã, tarde e noite).
- Comparar a duração de atividades do cotidiano, observando a passagem do tempo.
- Registrar acontecimentos que ocorreram em um determinado tempo da sua vida.

RECUPERAÇÃO PERIÓDICA

Data: 15/05

Valor: 10,0

- Identificar algumas formas de lazer infantil, resgatando historicamente brinquedos, brincadeiras e jogos.
- Reconhecer que algumas formas de lazer infantil de outros tempos permanecem até hoje.

- Identificar algumas formas de lazer das crianças em outros tempos e nos dias de hoje.
- Comparar as formas de lazer antigas e atuais, identificando permanências, semelhanças e diferenças.
- Representar a passagem do tempo, considerando os períodos do dia.
- Identificar os períodos de um dia: manhã, tarde e noite.
- Comparar acontecimentos no tempo, tendo como referência anterioridade, posterioridade e simultaneidade.
- Registrar atividades diárias realizadas de acordo com a passagem do tempo (manhã, tarde e noite).
- Comparar a duração de atividades do cotidiano, observando a passagem do tempo.
- Registrar acontecimentos que ocorreram em um determinado tempo da sua vida.

Geografia

AVALIAÇÃO 1

Processual

Valor: 10,0

- Comparar as diferentes formas de expressar as preferências.
- Reconhecer características de ruas e avenidas próximas à sua casa.
- Identificar os diferentes tipos de espaço que ocupa (na sala de aula, em casa e na sua localidade), com os quais mantém vínculos afetivos.
- Registrar itinerários por meio de desenho (casa–escola).
- Listar os elementos observados na paisagem no caminho de casa até a escola.
- Listar os diferentes espaços nos quais está inserido.
- Reconhecer as transformações ocorridas na paisagem local.
- Caracterizar os diferentes espaços que ocupa.
- Identificar diferentes formas de utilização do espaço (para dormir, comer, estudar etc.).

RECUPERAÇÃO PERIÓDICA

Data: 17/05

Valor: 10,0

- Comparar as diferentes formas de expressar as preferências.
- Reconhecer características de ruas e avenidas próximas à sua casa.
- Identificar os diferentes tipos de espaço que ocupa (na sala de aula, em casa e na sua localidade), com os quais mantém vínculos afetivos.
- Registrar itinerários por meio de desenho (casa–escola).
- Listar os elementos observados na paisagem no caminho de casa até a escola.
- Listar os diferentes espaços nos quais está inserido.
- Reconhecer as transformações ocorridas na paisagem local.
- Caracterizar os diferentes espaços que ocupa.
- Identificar diferentes formas de utilização do espaço (para dormir, comer, estudar etc.).

AVALIAÇÃO 1

Processual

Valor: 10,0

- Comparar objetos percebendo a evolução das invenções.
- Registrar pesquisas de diferentes formas (desenhos, quadros, listas e pequenos textos).
- Identificar algumas das características físicas externas pessoais.
- Listar as características físicas externas que são inerentes aos seres humanos.
- Analisar as características físicas externas de seus colegas de turma.
- Identificar semelhanças e diferenças em relação às características físicas externas suas e as de seus colegas.
- Comparar dados referentes às características físicas externas, por meio de observações diretas.
- Reconhecer que o fato de possuímos características físicas diferentes nos torna únicos.
- Listar algumas atitudes que reflitam o respeito por todas as pessoas, independentemente de sua aparência física.

RECUPERAÇÃO PERIÓDICA

Data: 19/05

Valor: 10,0

- Comparar objetos percebendo a evolução das invenções.
- Registrar pesquisas de diferentes formas (desenhos, quadros, listas e pequenos textos).
- Identificar algumas das características físicas externas pessoais.
- Listar as características físicas externas que são inerentes aos seres humanos.
- Analisar as características físicas externas de seus colegas de turma.
- Identificar semelhanças e diferenças em relação às características físicas externas suas e as de seus colegas.
- Comparar dados referentes às características físicas externas, por meio de observações diretas.
- Reconhecer que o fato de possuímos características físicas diferentes nos torna únicos.
- Listar algumas atitudes que reflitam o respeito por todas as pessoas, independentemente de sua aparência física.

Obs.: A data e os instrumentos das avaliações processuais serão definidos pelo professor/assessor.

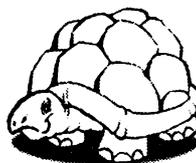
ATIVIDADES DE SONDA GEM

Nome: _____ N.º: _____ Série: _____ Turma: _____
Professor(a): _____ Data: _____ / _____ /2006

Leia com sua professora o texto a seguir e participe das atividades.

Da charada à canção

Quem viu, quem viu, quem viu?
A diferença existente
Entre a tartaruga
E o navio?



Certeza eu não tenho
Mas é isso que eu acho:
Na tartaruga o casco fica em cima
E no navio o casco fica embaixo.

Sandra Bozza

1. Na letra da música aparece o nome de um animal, pinte o nome dele e escreva mais três nomes de animais que você conhece.



2. Qual é a diferença entre a tartaruga e o navio? Escreva um frase explicando essa diferença e depois represente o que escreveu por meio de desenho.

3. Que outros animais que você conhece têm cascos?

4. Descubra a resposta de cada adivinha e pinte o quadrinho correspondente.

Animal mamífero que adora comer peixes e frutos do mar.

Posso ficar fechada ou aberta, depende de você. Às vezes tenho até olho mágico.

TOCA

FOCA

TORTA

PORTA

5. Troque a primeira letra em destaque e forme outras palavras.

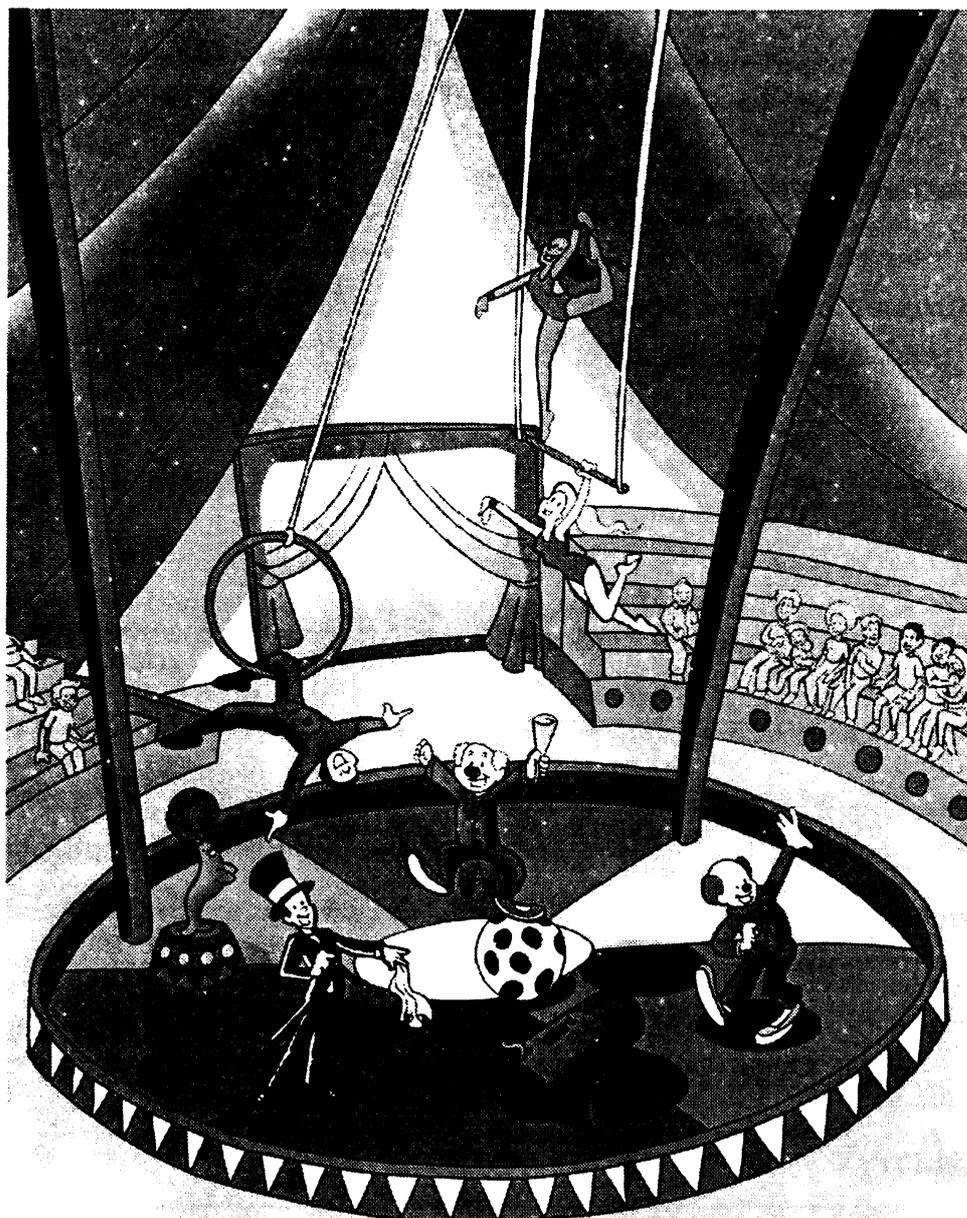
FEIA		
PATO		
CÃO		
BOLA		

ATIVIDADES DE SONDAAGEM

Nome: _____ N.º: _____ Série: _____ Turma: _____

Professor(a): _____ Data: _____ / _____ /2006

1. Observe a ilustração e, em seguida, realize as atividades.



2. Você já foi ao circo?

3. A ilustração que você observou representa um circo. Que nome você daria a ele? Invente um e escreva a seguir.

4. Faça um X no que pode ser visto no circo representado na ilustração.

() PICADEIRO

() SOL

() ÁRVORE

() BOLA

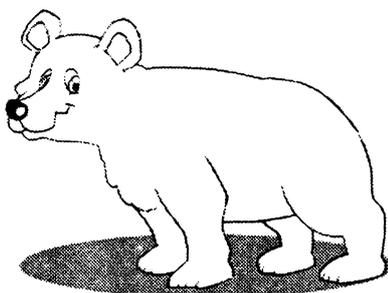
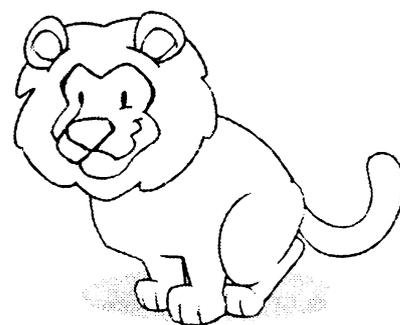
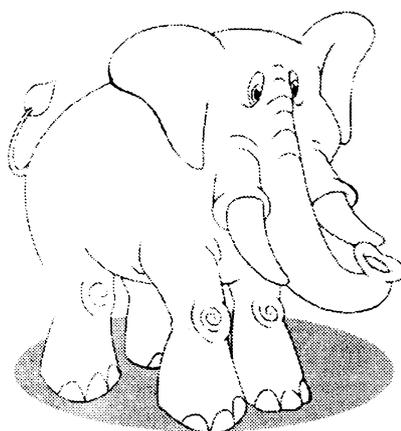
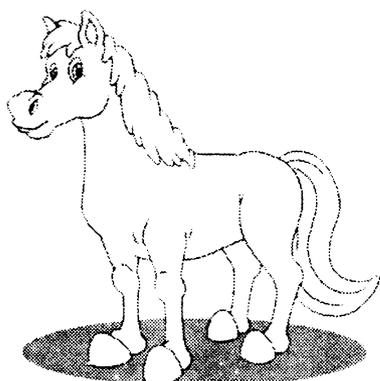
() TRAPEZISTA

() PESSOAS

() CORTINA

() TELEVISÃO

5. Em muitos circos, os animais também fazem parte da atração. Veja alguns e escreva o nome deles.



No circo há outras atrações, como:

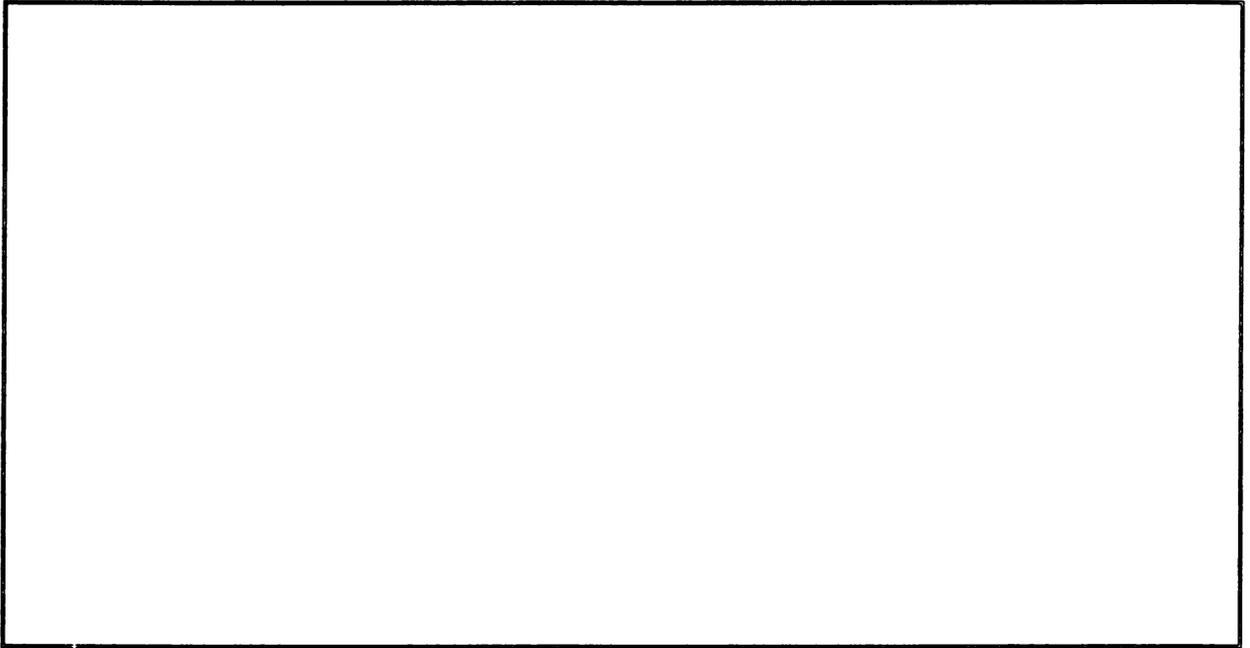
PALHAÇO

MÁGICO

DOMADOR

BAILARINA

- 6. Pinte o nome da atração da sua preferência e faça um desenho que a represente.**



- 7. Agora, escreva um frase sobre o seu desenho.**

ATIVIDADES DE SONDAAGEM

Nome: _____ N.º: _____ Série: _____ Turma: _____

Professor(a): _____ Data: _____ / _____ /2006

JOGO DO PALITO

Depois de participar do jogo do palito, resolva algumas atividades.

1. Na primeira rodada do jogo do palito, Mariana e Cecília usaram 5 palitos cada uma. Mariana disse 8 e Cecília disse 10. Na verdade, o total era 7. Quem marcou ponto nessa rodada?

2. Dois amigos jogavam palito, cada um com três. Em uma das rodadas, perceberam que o total de palitos dos dois juntos era quatro. Quantos palitos cada um poderia ter nas mãos? Coloque, ao lado dos nomes, um numeral, indicando uma das possibilidades.

Paulo:

César

3. Quatro crianças jogaram várias rodadas do jogo do palito. Durante uma semana, foram anotando e somando os pontos conseguidos na brincadeira. Ao final, o resultado foi este:

CRIANÇAS	MARCOS	LETÍCIA	RICARDO	ROSANA
TOTAL DE PONTOS	18	9	12	23

- a) Quem fez mais pontos?

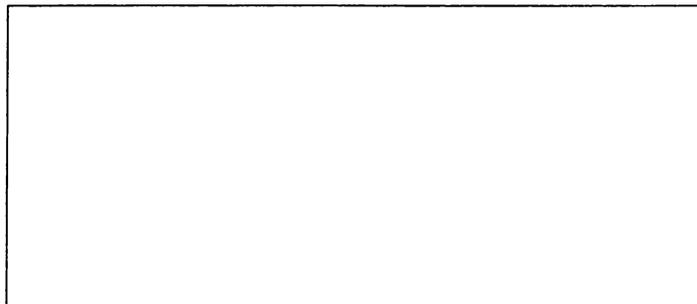
- b) Quem fez menos pontos?

- c) Coloque em ordem crescente o número de pontos das quatro crianças.

<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
----------------------	----------------------	----------------------	----------------------

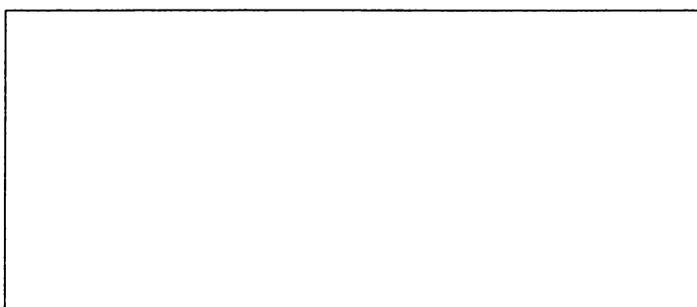
4. Relembrando o número de pontos das crianças, responda às questões.

a) Ricardo tem 12 pontos e Rosana 23. Quantos pontos os dois têm juntos?



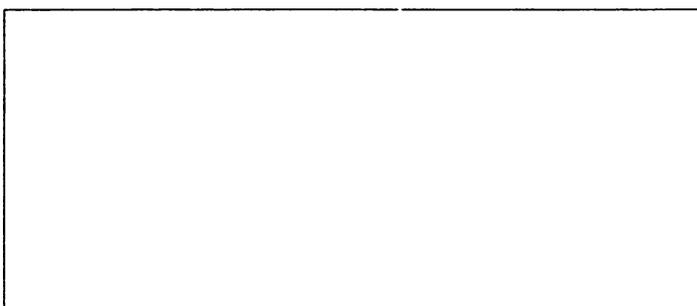
R: _____

b) Marcos tem 18 pontos. Se ele perdesse 7 pontos, com quantos pontos ficaria?



R: _____

c) Leticia tem 9 pontos. De quantos pontos ela precisa para ficar com uma dezena de pontos?



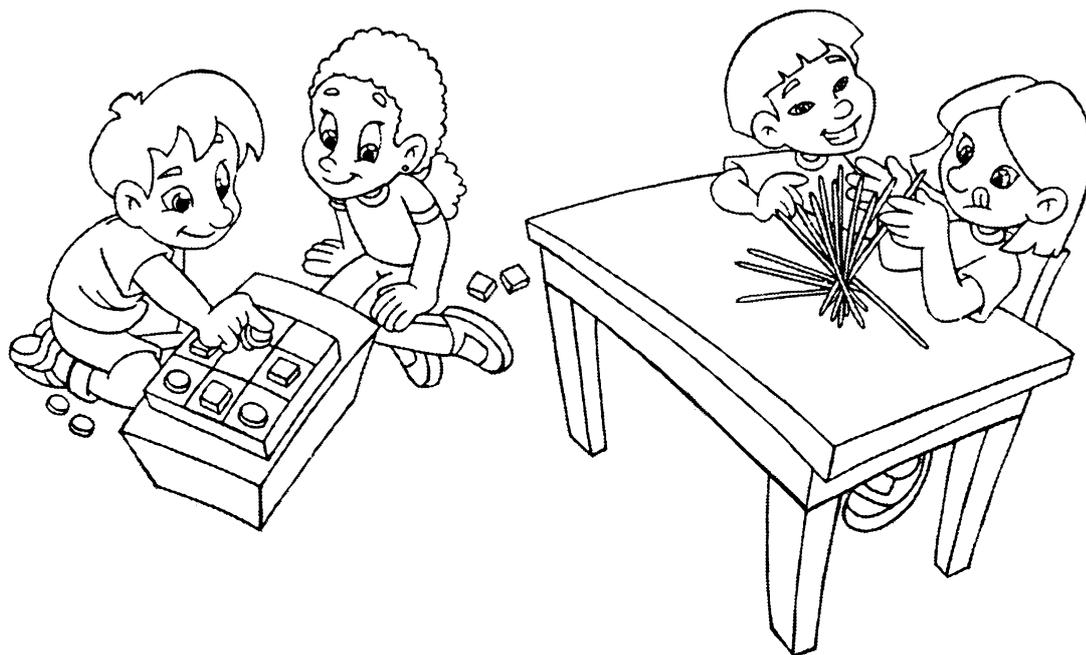
R: _____

ATIVIDADES DE SONDAGEM – MATEMÁTICA

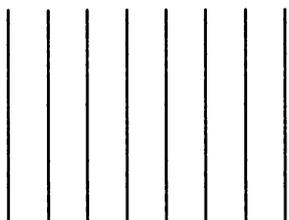
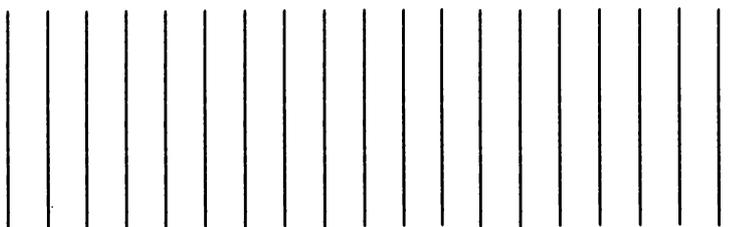
Nome: _____ N.º: _____ Série: _____ Turma: _____

Professor(a): _____ Data: _____ / _____ /2006 Nota: _____

Depois de jogar com seus colegas o pega-varetas, resolva estas atividades:



1. Para brincar de pega-varetas, uma turma de 1.^a série confeccionou o jogo. Para isso, os alunos utilizaram várias varetas. Agrupe as varetas de 10 em 10 circulando-as e, depois, registre a quantidade total.



2. No jogo de pega-varetas, cada vareta corresponde a uma pontuação, de acordo com a cor. Confira os valores no quadro e resolva os problemas a seguir.

cor	valor
AMARELO	2
VERDE	5
AZUL	6
VERMELHO	11
PRETO	30

- a) Na primeira rodada, Marcos pegou duas varetas amarelas e uma preta. Qual foi a pontuação dele nessa rodada?

R: _____

- b) Mariana, outra jogadora, conseguiu na primeira rodada um palito vermelho e um azul.
Qual foi o total de pontos dessa jogadora?

R: _____

- c) Quem fez mais pontos na primeira jogada? Escreva o número que corresponde à pontuação de cada jogador.

MARCOS

MARIANA

Ensino Fundamental

AVALIAÇÃO PROCESSUAL DE LÍNGUA
PORTUGUESA
2.º TRIMESTRE

Nome: _____ N.º: _____

Série: 1.ª Turma: _____ Turno: _____ Data: _____

Professor(a): _____ Valor: 1,5 Nota: _____ Descontos (ortografia): _____

Nota final: _____

Crítérios da avaliação

- Interpretar imagens.
- Criar o final de uma história proposta.

Observações:

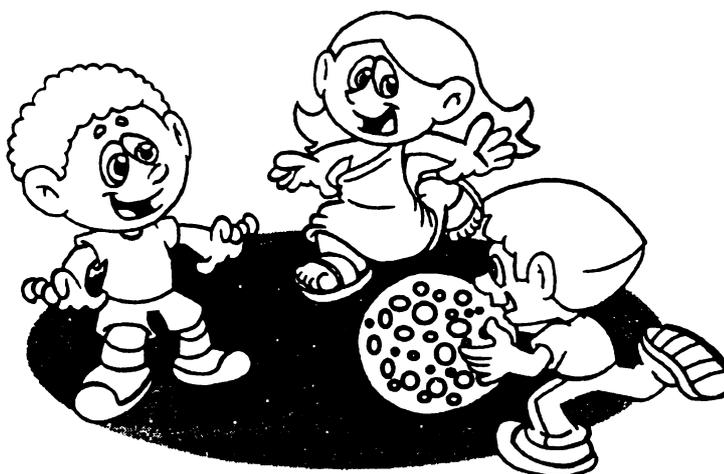
- Leia as questões com atenção, de modo a realizar o que é solicitado nos enunciados.
- Erros de grafia serão descontados.

1- Observe a figura abaixo:



a) Escreva com suas palavras, o que você acha que a menina está fazendo e por quê? (Valor 0,5)

2- Leia este texto com sua professora:



Menina no time de futebol?

Os meninos da rua estavam espantados pois Clarice, a menina que se mudou para o bairro, estava querendo entrar no time de futebol.

Onde já se viu uma menina jogar futebol? Então eles resolveram fazer uma reunião para decidir se ela podia ou não jogar no mesmo time. Depois de muita conversa, chegaram à conclusão: nada de menina no time!

O Ricardinho foi o escolhido para dar a resposta para a menina. Ele encontrou Clarice no pátio da escola. Quando ele falou que menina não entra, ela respondeu que ia formar um time só de meninas. E desafiava os meninos para uma partida de meninas contra meninos, no Sábado.

Ensino Fundamental

**AVALIAÇÃO 1 DE LÍNGUA PORTUGUESA
1.º TRIMESTRE**

Nome: _____ N.º: _____

Série: 1.ª Turma: _____ Turno: _____ Data: ____/____/2006

Professor(a): _____ Valor: 5,0 Nota: _____

Critérios de avaliação:

- Interpretar imagens.
- Decodificar textos escritos.
- Identificar o conjunto de símbolos próprios da escrita: o alfabeto.
- Organizar palavras seguindo a ordem alfabética.
- Produzir frases de acordo com o contexto, situação ou linguagens não-verbais, fazendo uso de espaçamento entre palavras e legibilidade.
- Ortografia: B, D, F, P, T, V.

Observação:

- leia as questões com atenção.

VOCÊ SABE O QUE É UMA FÁBULA?

É um texto narrativo que transmite um ensinamento. Geralmente, apresenta animais como personagens.

Quando as personagens são animais, elas falam e se comportam como gente.

Conheça a fábula das duas rãs, lendo o texto com sua professora.

AS DUAS RÃS

1ª PARTE

Era uma vez duas rãzinhas que viviam no mesmo lago.

Uma delas era corajosa, trabalhadora e alegre, enquanto a outra era preguiçosa e vivia emburrada. Mesmo assim, as duas rãzinhas se entendiam muito bem e eram bastante amigas.

Uma noite, elas saíram para dar uma voltinha. E, quando passeavam, viram uma cabana.

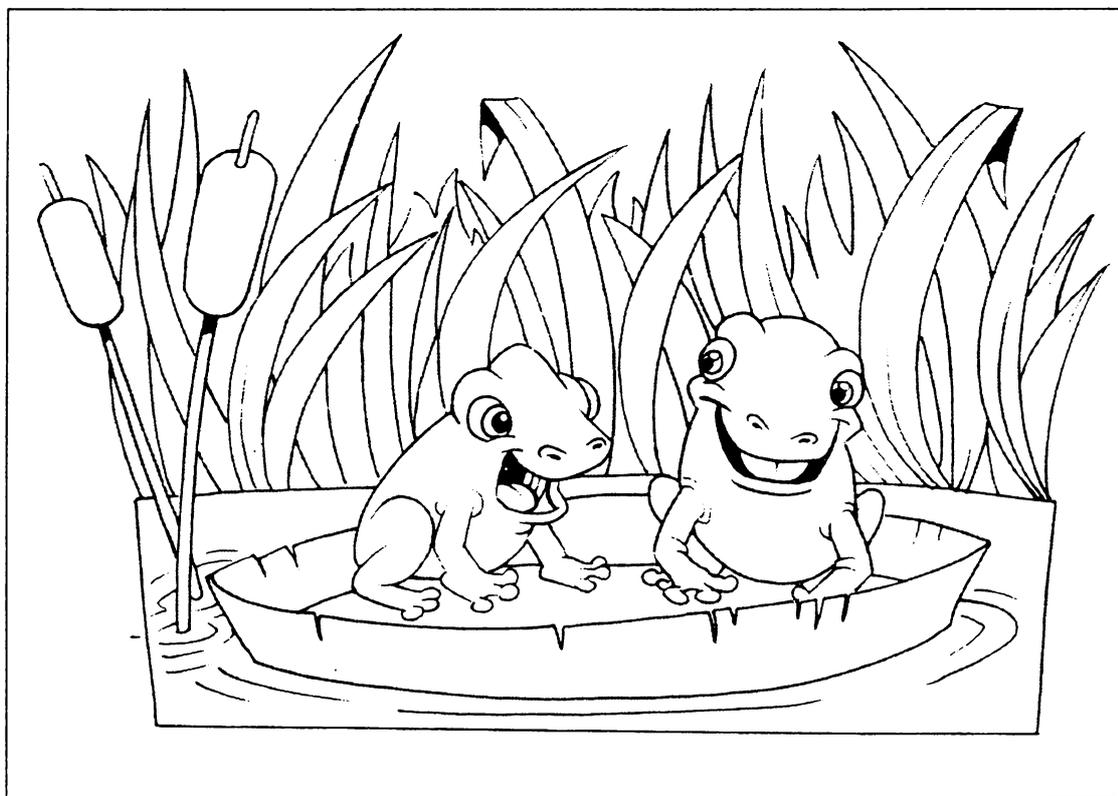
— Vamos chegar mais perto, para ver melhor – sugeriu a primeira rãzinha. Debaixo da casa havia um porão para guardar vinho e diversos alimentos.

E daquele porão vinha um cheiro delicioso: cheiro de mofo, de umidade, um cheirinho frio, de encomenda para agradar qualquer rã!

Hmmmm... que cheiro bom! – disse a segunda rãzinha.

As duas entraram pela pequena abertura que havia na parede do porão e começaram a inventar brincadeiras: pulavam sobre os barris e baús velhos, brincavam de esconder entre as garrafas e os potes...

Mas, de repente, escorregaram e caíram num jarro de creme.



Responda às questões a seguir, de acordo com as informações do texto.

1. Como era o relacionamento entre as duas rãzinhas? Assinale com um X a resposta correta. (0,3 – 0,1 cada)

- Por serem diferentes, as duas rãs viviam brigando.
- Mesmo sendo diferentes, as duas rãs eram bem amigas.
- As duas rãs não se conheciam quando se encontraram no porão.

Releia este trecho da história:

“Certa noite, as duas rãs saíram para dar uma voltinha. E, quando passeavam, viram uma cabana e resolveram entrar no porão.”

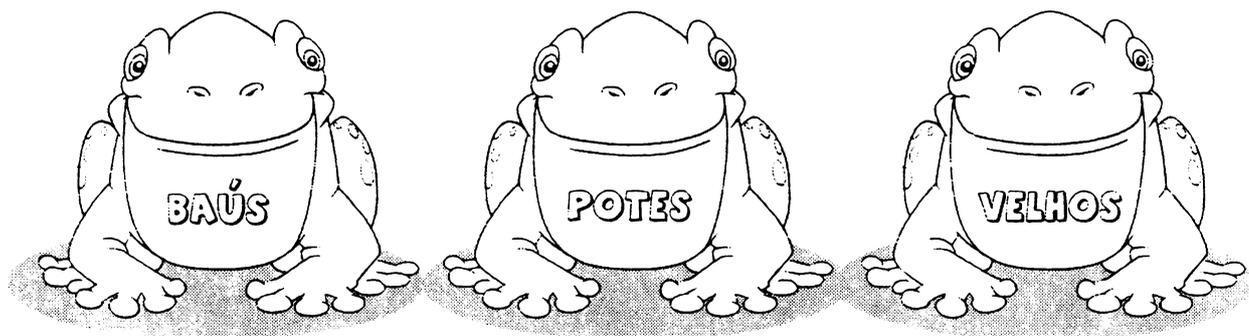
2. Represente por meio de desenho como era o lugar onde as duas rãzinhas estavam brincando e escreva uma frase explicando o que você desenhou. (0,8 - 0,1 desenho; 0,7 frase)

Below the drawing area, there are four solid horizontal lines for writing the explanation.

As duas rãs, ao entrarem no porão, começaram a inventar brincadeiras.

3. Complete a frase com as palavras em destaque. (0,6 – 0,2 cada)

Pulavam sobre os barris e _____,
brincavam de esconder entre as garrafas e os _____...



2ª PARTE

Todos sabem que as rãs são boas nadadoras, mas aquelas duas, por mais que agitassem as patas, não conseguiam se soltar do creme, nem escalar as paredes lisas e escorregadias do pote: sempre que tentavam, caíam novamente lá dentro.

A rã preguiçosa e desanimada logo desistiu.

— Pra que lutar? – falou. – Vou me cansar para nada. É até melhor acabar com isso de uma vez.

— Você está **maluca**? – disse a outra. – Nade! Não desista! Nunca se sabe, vamos tentar ganhar tempo...

— Não, não... – dizia a preguiçosa. – Azar. Para mim chega. E, além do mais, este creme já está me deixando enjoada.

E ela parou de nadar, afundou e se **afogou**.

A outra rã continuou se debatendo com todas as suas forças. Tentava escalar a parede do pote, escorregava, depois recomeçava. Não desistia.

Aquela rã era um bichinho muito **corajoso**. Batia que batia o creme, espichando as pernas compridas.

“Não quero me afogar”, pensava, “não quero me afogar... Vamos lá, mais um pouco de coragem...”

Mas estava perdendo as **forças**.

Sua cabeça começou a **girar**.

“Não posso me afogar, pensava ela. “Vamos, um esforcinho mais... Tenho certeza de que vou conseguir me salvar... E se mexia inteira, agitava as patas, mesmo cansada do jeito que estava, deu um salto com suas longas pernas e conseguiu sair de dentro do jarro de creme.

Ficou toda melada mas feliz pela sua conquista, pois em nenhum momento desistiu.

CEREJA, William Roberto e MAGALHÃES, Thereza Cochar. Português: linguagens. São Paulo: Atual, 2002 (Adaptado)

Neste trecho da história algumas palavras aparecem destacadas.

4. Escreva-as abaixo, colocando em ordem alfabética.

(1,0 – 0,2 cada)

No texto percebemos que as duas rãs não conseguiam se soltar do creme.

5. Agora observe este pote e responda:



Por que você acha que a rã estava triste?

(0,5)

6. Troque a primeira letra das palavras a seguir por uma das letras do quadro e forme outras palavras: (0,9 – 0,3 cada)

B - D - F - P - T - V

POTE _____

BATIA _____

TONTA _____

7. Observe a gravura e responda:



A primeira rã se afogou, pois era preguiçosa e desanimada. Nenhum problema será superado se não agirmos com coragem.

O que a rã poderia ter feito para se salvar? (0,9)

COPA DO MUNDO ALEMANHA 2006



Nome: _____ N.º: _____

Série: 1.ª Turma: _____ Turno: _____ Data: ____ / ____ /2006

Professor(a): _____ Valor: 5,0 Nota: _____

Critérios de avaliação:

- Escrever os números naturais associados às quantidades (até 49).
- Organizar agrupamentos para facilitar a contagem e a comparação entre coleções.
- Estabelecer relação entre número e numeral.
- Registrar dezenas exatas.
- Registrar o sucessor e o antecessor de um numeral.
- Interpretar problemas que envolvam as idéias das operações fundamentais de adição (sem agrupamento) e subtração (sem agrupamento).

Observação:

- Leia as questões com atenção.
- Erros de grafia serão descontados.

TODOS AMAM O GOLEO VI

A Copa do Mundo da FIFA 2006 já tem nome e figura: Goleo VI. A mascote oficial e sua fiel acompanhante, a bola Falante Pille, foram apresentadas pelo astro do futebol Pelé e o presidente do comitê organizador, Franz Beckenbauer.

“Para mim, um sonho tornou-se realidade. Adoro ser a mascote oficial”, comentou entusiasmado o Goleo VI, a FIFA apresenta pela primeira vez uma mascote oficial Multifacetada, praticamente “viva”. A figura fala, dança, toca Música e tem jeito de comediante. Graças à sua vibrante personalidade, pode ser utilizada de diversas formas, totalmente diferentes de seus antecessores, como Willie em 1996, o “pai” das mascotes, ou seus antecessores alemães de 1974, “Tip e Tap”.



Fascículo 1. As cidades Sede Mundial - Alemanha 2006. (Adaptado)

AGORA QUE VOCÊ CONHECE O MASCOTE OFICIAL DA COPA DO MUNDO 2006, REALIZE ALGUMAS ATIVIDADES.

1. Observe o calendário e responda:

a) Pinte no calendário a data em que começa a Copa.

(0,3)

Dica: É um número que está entre o 8 e o 10.
Que número será?

MÊS: Junho						ANO:2006
Domingo	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	

ACOMPANHE OS DIAS EM QUE O BRASIL IRÁ JOGAR.

O Brasil irá participar de 3 jogos pelo grupo F, acompanhe a tabelinha:

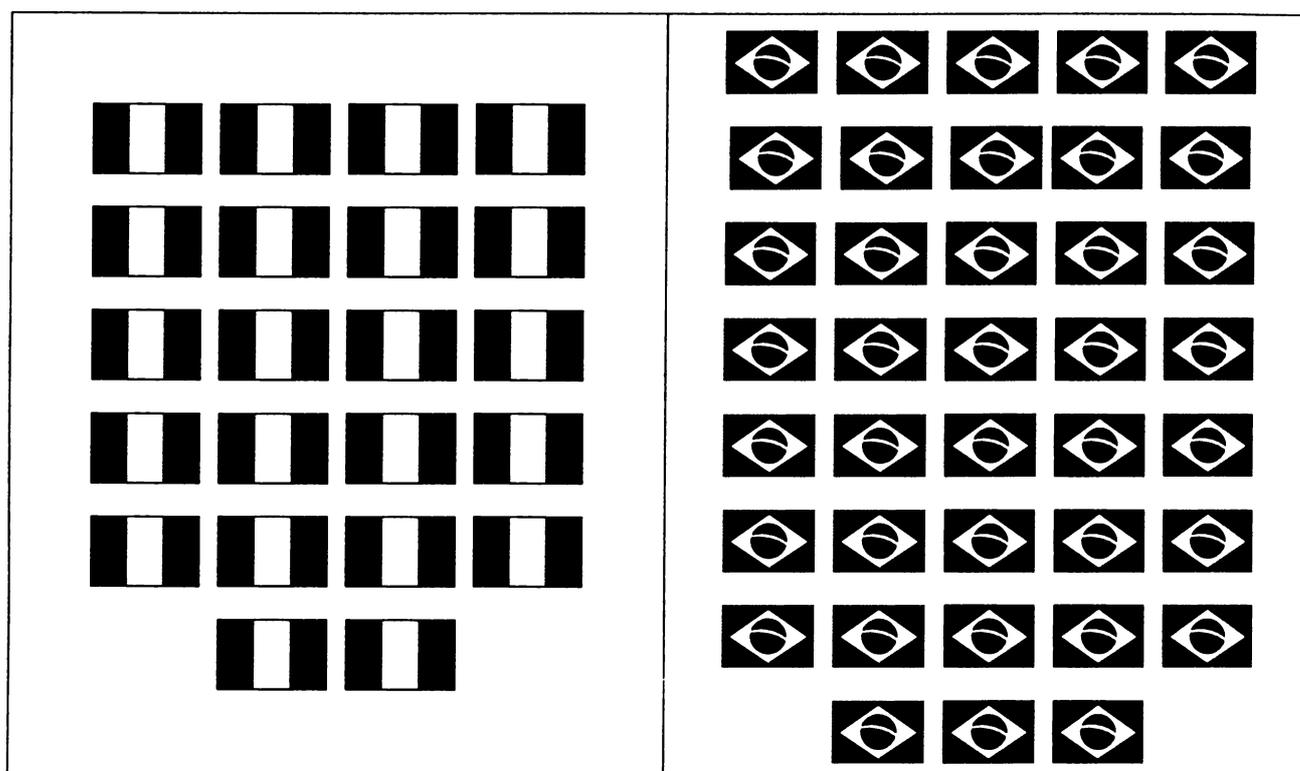
13 de junho – 16h BRASIL X CROÁCIA

18 de junho – 13h BRASIL X AUSTRÁLIA

22 de junho - 16h BRASIL X JAPÃO

b) Marque com um X no calendário o antecessor do dia em que o Brasil irá jogar com a Austrália. (0,3)

2. Os torcedores já estão arrumando suas bandeiras para participar de um espetáculo esportivo que acontece de quatro em quatro anos e faz o mundo todo vibrar.

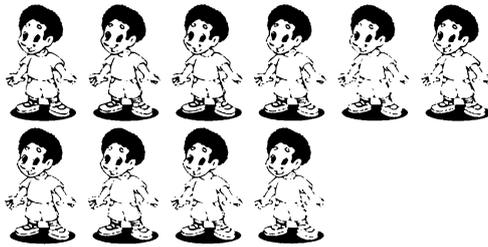


- a) Agrupe a torcida da Itália e do Brasil de 10 em 10. (0,4)
- b) Quantos torcedores tem a torcida da Itália? (0,3)
-
- c) Quantos torcedores tem a torcida do Brasil? (0,3)
-
- d) Qual das duas arquibancadas tem mais torcedores? (0,3)
-

3. Alguns países vieram com grandes números de pessoas para participarem deste espetáculo. Confira o número de torcedores:

a) Conte e registre, no espaço indicado, a quantidade de torcedores de cada país.
(1,0 – 0,2 cada)

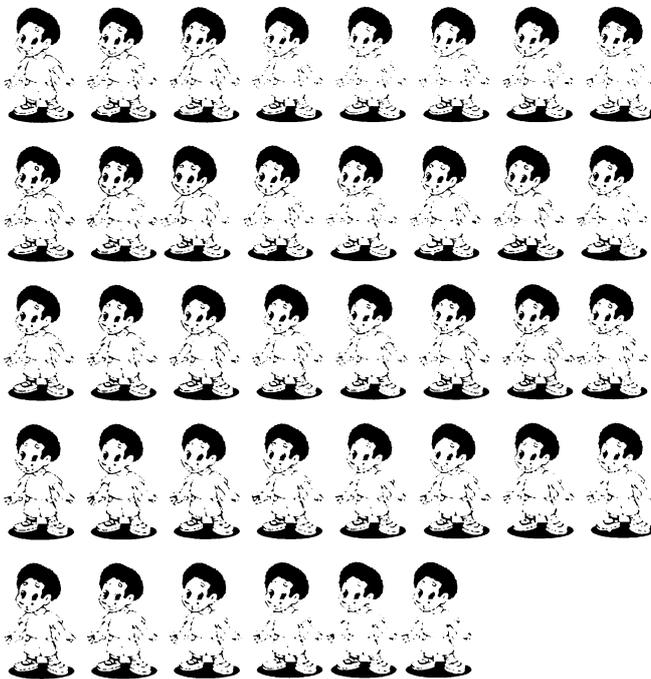
ESTADOS
UNIDOS



JAPÃO



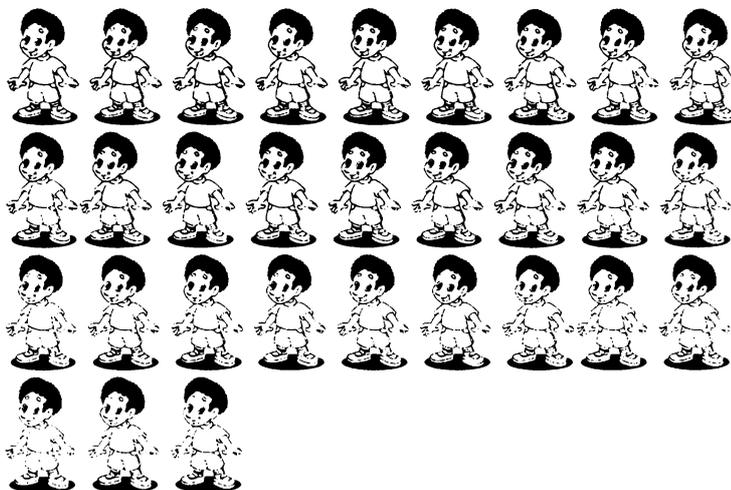
BRASIL



ALEMANHA



ESPANHA



b) Qual foi o time que trouxe mais torcedores? (0,2 – 0,1 cada)

- Nome do time _____
- Número de torcedores _____

c) Qual desses times possui 2 dezenas exatas de torcedores? (0,2)

SAIBA MAIS SOBRE A BOLA DA COPA DO MUNDO DE 2006.



De acordo com as normas Internacionais do futebol, a bola deve ser esférica, com o invólucro exterior de couro ou em outro material apropriado.

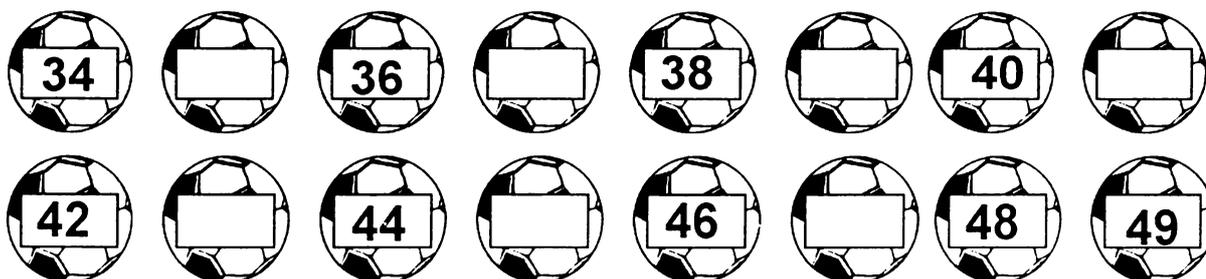
A bola utilizada no Mundial de 2006 é praticamente impermeável, ganhando apenas 0,1% de peso quando molhada.

<http://copa.br.msn.com/extra/curiosidades/futebol13>. Acesso em:

23 maio 2006.

4. Agora, preste atenção:

a) Nas bolas abaixo escreva os numerais que estão faltando. (0,7 – 0,1 cada)



CURIOSIDADE



A ESCALAÇÃO DOS JOGADORES

Desde que assumiu o comando da seleção brasileira, em 2003, Carlos Alberto Parreira convocou 86 jogadores. Destes, apenas 23 homens foram escolhidos e estão na lista final.

No dia 22 de maio a equipe desembarcou na Suíça para começar os treinamentos e depois seguir para a Alemanha.

Revista Veja, 24 de maio de 2006.

5. Resolva com atenção os problemas a seguir.

a) No time do Brasil há 11 jogadores em campo e 12 reservas. Quantos jogadores tem este time? (0,5 – 0,2 raciocínio; 0,2 cálculo; 0,1 resposta)

CÁLCULO

Este time tem _____ jogadores.

- b) No campo há 22 jogadores, 2 ganharam cartão vermelho. Quantos jogadores ficaram em campo? (0,5 – 0,2 raciocínio; 0,2 cálculo; 0,1 resposta)

CÁLCULO

Ficaram em campo _____ jogadores.